

Gabriela Pereira Martins

O POSITIVISMO: UMA LINGUAGEM DOS SENTIMENTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Cultura, Poder e instituições, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rubem Barboza Filho

Juiz de Fora
2010

Martins, Gabriela Pereira.

O Positivismo: uma linguagem dos sentimentos / Gabriela Pereira
Martins. – 2010.

88 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)—Universidade Federal
de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

1. Positivismo. 2. Razão (Filosofia). 3. Religião. I. Título.

CDU 165.73

Gabriela Pereira Martins

O POSITIVISMO: UMA LINGUAGEM DOS SENTIMENTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Cultura, Poder e instituições, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 30 de setembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rubem Barboza Filho (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dra. Cristina Buarque de Hollanda
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães
Universidade Federal de Juiz de Fora

Com carinho aos meus avós, Sebastião e Filomena.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram na elaboração desta dissertação, especialmente ao meu orientador Rubem Barboza Filho que desde o quarto período da graduação tem demonstrado interesse e preocupação pela minha formação acadêmica. Agradeço a Raul Francisco Magalhães e Cristina Buarque de Hollanda, que durante a minha defesa de mestrado levantaram valiosas críticas e sugestões, além de disponibilizarem parte do seu tempo e paciência. Sou especialmente grata aos professores que me formaram em Juiz de Fora, contribuindo com seus conhecimentos da ciência social.

A Shirley Lucindo Torres que me deu uma preciosa ajuda na confecção do texto, lendo cuidadosamente e comentando cada capítulo.

A Luiz Vázquez Passos, professor da Universidad Autónoma de Yucatán, agradeço pela conversa, ou melhor, pela aula concedida em Santiago no Chile. A Emerson Giumbelli agradeço pelos comentários e sugestões feitas a um trabalho que fiz alguns apontamentos sobre os positivistas brasileiros.

Agradeço aos amigos que em vários momentos foram interlocutores importantes neste processo, como Breno Machado, Heiberle Heigsberg, Maria Fernanda Teixeira dos Santos, Ludmila Pontes, Michelle Golçalves Rodrigues, João Felipe Salomão, Rodrigo Chaves de Mello, Daniel Albergaria Silva e Luciano Padilha. Dentre os colegas de mestrado, também, agradeço a Wallace Faustino, Marcela da Paz, Márcia Miranda, Henrique Queiroz, Wagner Rezende, Amanda Gomes, que compartilharam suas pesquisas e angústias.

Agradeço aos meus pais e irmãs, em particular a minha irmã Camila que soube ter paciência com meus momentos de tensão, ao mesmo tempo em que demonstrou um interesse imenso pelas questões acadêmicas.

Por fim deixo o agradecimento mais importante, ao meu companheiro de todas as horas, a Carlos Eduardo Procópio. A quem devo horas e horas discutindo os temas aqui presentes, além de me ajudar com a revisão bibliográficas. A ele sou eternamente grata.

O uso mais nobre do quadro cerebral consiste em assentar melhor o problema humano, o ascendente da sociabilidade sobre a personalidade.

[...]

A personalidade, aliás incoerente, subordina-se facilmente a uma sociabilidade que não lhe recusa nunca as satisfações legítimas. A harmonia ficando assim firmada entre sentimento e a inteligência, a atividade segue espontaneamente um impulso que lhe fornece um campo inesgotável.

(Auguste Comte – Catecismo Positivista)

RESUMO

Esta dissertação pretende mostrar que o positivismo não é uma filosofia dividida em dois momentos aparentemente contraditórios, expressos pela ciência e pela religião. Ao contrário, ela é uma filosofia na qual o sentimento é o elemento chave do entendimento, seja das explicações de caráter científicas ou das de conotação religiosa. Para chegar à finalidade desejada, parte-se de um estudo do positivismo em si, ou melhor, da obra de Auguste Comte, criador da filosofia positivista, visando a estabelecer parâmetros que pudessem definir com a necessária precisão o que é o positivismo comteano. Com isso, busca-se dar ao trabalho uma base de sustentação, evitando discussões especulativas, partindo, em seguida para o exame do positivismo no Brasil.

Palavras chave: Positivismo; Razão (Filosofia); Religião.

ABSTRACT

This paper intends to show that positivism is a philosophy shared by two seemingly contradictory moments, expressed by science and religion. Rather, it is a philosophy in which the *feeling* is the key element of understanding, it is the scientific explanation of nature or of religious connotation. To reach the desired purpose, it starts from a study of positivism itself, or rather the work of Auguste Comte, founder of the positivist philosophy, seeking to establish parameters that could define with sufficient precision what it is Comtean positivism. Thus, the aim is to provide the research with a theoretical foundation, to avoid mere speculative discussions, and to exam positivism in Brazil.

Keywords: Positivism; Reason (Philosophy); Religion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A originalidade do pensamento de Augusto Comte: a reorganização através da teoria	17
CAPÍTULO 2 – Auguste Comte e as linguagens: razão, religião e sentimento	32
2.1 A biologia: uma linguagem racional e sistematizadora do corpo humano	35
2.2 Sociologia: o homem em coletividade	39
2.3 A linguagem da religião	43
2.3.1 Religião da Humanidade	48
2.3.2 O Modelo racional da Religião da Humanidade	50
2.4 A linguagem dos sentimentos	54
CAPÍTULO 3 – O positivismo no Brasil: duas manifestações da linguagem dos sentimentos	58
3.1 Luis Pereira Barreto: da linguagem da razão à linguagem dos sentimentos	63
3.1.1 Pereira Barreto: um positivista no campo da ação	70
3.2 Semelhanças e diferenças entre Pereira Barreto e a Igreja Positivista de Miguel Lemos e Teixeira Mendes	73
3.2.1 A Igreja Positivista e a propaganda da Religião da Humanidade	75
CONCLUSÃO	82
BIBLIOGRAFIA	84
ANEXOS	87

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho que analisa a obra de Auguste Comte, buscando, de um lado, dar conta de sua inserção no cenário intelectual da modernidade e, de outro, verificar alguns aspectos de sua influência no Brasil, que longe de ser passageira, constituiu-se como doutrina orientadora de atividades no campo cultural e político.

No Brasil, os autores escolhidos são Luis Pereira Barreto, Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, reconhecidos pelos estudiosos do positivismo brasileiro como representantes expressivos da doutrina comteana. As obras de João Camilo de Oliveira Torres, João Cruz Costa, Ivan Lins, Roque Spencer Maciel de Barros, Antônio Paim, José Murilo de Carvalho, Ângela Alonso e Hélió Trindade, referentes ao tema e referências para novas leituras, atestam a relevância daqueles intelectuais no cenário brasileiro.

O aspecto metodológico desta pesquisa está nucleado em torno do conceito de linguagem política levantado por John Greville Agar Pocock. Este conceito de linguagem política se direciona a *atividade de homens e mulheres pensantes*¹, e não a uma abordagem mentalista. Para compreender a diferença entre essas duas perspectivas, é necessário distinguir o conceito de pensamento em ambas.

No modelo mentalista ou da consciência, os conceitos são criados por processos internos na mente ou na consciência do homem, e os sinais lingüísticos são apenas instrumentos e equipamentos de representações do mundo. A relação cognoscente ancora-se na relação objeto-sujeito², ou seja, o objeto envia suas propriedades imutáveis ao sujeito, que as percebe e codifica, traduzindo-as em palavras. Este modelo não dá conta de analisar mudanças no significado das coisas, uma vez que o objeto é portador de características imutáveis que o cérebro apenas reproduz.

Diferente do modelo anterior, no modelo da linguagem o objeto existe apenas quando em relação com alguma outra coisa, e o sujeito fica despido da posse de uma mentalidade formada pela essência do objeto. A dicotomia objeto-sujeito do mentalismo torna-se relação mundo e linguagem. E a relação, anterior considerada, subjetiva desenvolvida na interioridade do homem, agora, passa a ser intersubjetiva, ou seja, os sujeitos se encontrariam no mundo e estabelecem comunicação uns com os outros, redefinindo os significados durante a relação intersubjetiva. Desta forma, o pensamento existe apenas quando

¹ POCOCK, J.G.A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2003. p.24.

² HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. p. 15.

é expresso pela linguagem. Assim, os significados se desenvolveriam na interação comunicativa, e não mais nas formulações transcendentais como eram no mentalismo. O pensamento, portanto, estaria em constante processo de construção numa linguagem intersubjetiva, e não mais situado e imutável na mente³.

Em decorrência da crítica feita ao mentalismo, Pocock formula seu conceito de linguagem política como *atividade de seres pensantes*. Embora Pocock seja um historiador do pensamento político, seus métodos, assim como o da chamada *Escola de Cambridge*, são muito utilizados pelas ciências sociais. Ao empreender suas pesquisas sobre a história do pensamento político inglês, escocês e norte americano, o autor considera que a atividade intelectual desses seres pensantes pode ser detectada em publicações institucionais e especializadas, *locus* privilegiado de asserções e exposição de problemas políticos, entendidos como manifestação de uma prática política. Por conseguinte, para Pocock, o conceito de pensamento político refere-se à atividade de seres pensantes, vinculados a instituições e publicações políticas, que expressam, em linguagem política, práticas familiares e convencionais sobre o tema da política⁴.

Rubem Barboza Filho, em *Linguagens da Democracia*, toma emprestado de Pocock a noção de linguagem política, ampliando deliberadamente seu campo de aplicação⁵, na tentativa de transferir o foco do campo da história para o da teoria social. Para Barboza Filho, o conceito de linguagem política é fundamental no movimento de constituição dos campos morais ou ético-políticos da modernidade, atrelada essa, segundo ele, ao movimento deflagrado nos séculos XVI e XVII, marcado especialmente pelo questionamento de valores tradicionais e teológicos, até então propiciadores de sentido para a vida⁶.

Ao se despedir do mundo tradicional, a pluralidade das sociedades ocidentais modernas ancora a exigência de uma nova normatividade social em processos de comunicação intersubjetiva, expressos, segundo Barboza Filho, em três grandes linguagens: a do interesse, a da razão e a do sentimento. As diversas culturas políticas e tradições do ocidente podem ser entendidas por meio dessas linguagens e de suas articulações, que tendem

³ HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. p. 27.

⁴ POCOCK, J.G.A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2003. p.24.

⁵ BARBOZA FILHO, Rubem. Linguagens da Democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p.34, 2008 (ver nota nº1).

⁶ BARBOZA FILHO, Rubem. Linguagens da Democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p.16, 2008.

a assumir um aspecto normativo em experiências históricas concretas⁷, a exemplo da brasileira.

De maneira bastante resumida, a linguagem do interesse está associada à idéia de que cada homem é um ser moral autônomo e independente dos outros. Esse homem-indivíduo define-se pela posse de direitos que lhe asseguram a igualdade em relação aos outros e o maior grau de liberdade possível para a conquista de seus interesses, ou seja, de seus fins particulares. A linguagem do interesse é, então, a expressão do homem-indivíduo, interessado, de um lado, em se apropriar do mundo e do que nele existe: poder, riqueza, saber e honra; de outro, em firmar um contrato que garanta a existência da própria sociedade⁸ e, ainda, de auto-reforma, autocontrole e autodisciplina⁹.

A linguagem da razão, diferente da linguagem do interesse, diz respeito a normas, regras e procedimentos bem definidos, com pretensões à universalidade, indispensáveis à organização da sociedade, evitando sua possível fragmentação. O horizonte da linguagem da razão é a hierarquização do saber, em sua proposição de clarificar e ordenar o mundo¹⁰.

A linguagem dos sentimentos, e não do emotivismo, tem como fundamento básico a natureza social dos homens. Esse pressuposto redefine o homem como um ser existente apenas em suas redes de relações e mediações sociais. Na linguagem dos sentimentos, o homem é concebido como portador de uma força capaz de agir criativamente e construtivamente no mundo. Cada homem possui essa potência de doar sentido para a vida. As mediações sociais, estabelecidas entre esses homens, seres potentes, são expressões de uma complexa e mutante trama de relações¹¹.

Diferente da linguagem da razão e do interesse, a linguagem dos sentimentos recusa a eficácia dos modelos de pura disciplina e daqueles de caráter universalizante, o que lhe dotaria de uma capacidade significativa de integrar antagonismos e diferenças, absorvendo as mutações da história humana, reconhecendo a dinamicidade de um mundo enquanto labirinto¹².

⁷ BARBOZA FILHO, Rubem. Linguagens da Democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p.17, 2008.

⁸ Princípios de Hobbes vinculados à linguagem do interesse. BARBOZA FILHO, Rubem. Linguagens da Democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p.18. 2008.

⁹ Princípios de Locke ligados à linguagem do interesse. BARBOZA FILHO, Rubem. Linguagens da Democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p.17-19. 2008.

¹⁰ BARBOZA FILHO, Rubem. Linguagens da Democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p.21, 2008.

¹¹ BARBOZA FILHO, Rubem. Linguagens da Democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p.26, 2008.

¹² BARBOZA FILHO, Rubem. Linguagens da Democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.23, n. 67, p.23-32, 2008.

As linguagens da modernidade não existem como tipos puros e isolados, a não ser como categoria analítica. Na verdade, remodelando estruturas hierárquicas, elas se cruzam, com a dominância de uma ou de outra, dependendo das condições de sua emergência e de seus desdobramentos, sendo capazes, então, de rearranjar-se e de prover significado para novas possibilidades interpretativas de diversas culturas e tradições políticas¹³.

No caso do Brasil, o caráter fragmentário da linguagem dos sentimentos ajusta-se à interpretação da cultura ou tradição brasileira. É o que busca demonstrar Rubem Barboza Filho, em *Sentimento de Democracia*, ao interpretar a construção da identidade brasileira, fundada no barroco e no romantismo¹⁴.

Segundo o autor, as manifestações do barroco e do romantismo não eram meras cópias das expressões européias. Essas linguagens ao serem transplantadas para o Brasil apresentam características próprias. O barroco, por exemplo, em sua expressão ibero-européia, é uma constante operação de refundação moderna da tradição, da busca incessante do rei como vértice em substituição ao antigo Deus fundador. No Brasil, a falta de um passado que pudesse ser reinterpretado, dá lugar ao barroco alegórico, à artificialização e teatralização da ausência e da imperfeição, que se tornam propiciadores de significados para a vida¹⁵. Conforme Barboza Filho, a matéria do barroco brasileiro são

as ruínas sem passado, ruínas do presente e do futuro, ao contrário do barroco europeu. Sua experiência se faz sobre o provisório, a provisoriedade da vida, sem engendrar nenhum processo de autoclarificação da sociedade, assumindo e multiplicando seus labirintos, suas máscaras e sua fragmentação. [...] As suas ruínas são destroços paradóxicos, recriações do provisório e do inacabado como celebração da vida, da infundável energia que alimentava a criatividade humana em luta contra a imensidão e a solidão da natureza (BARBOZA FILHO, 2003, p.29)¹⁶.

Teatralizado e artificializado, o barroco não mais se apresenta como ruínas de um passado sombrio e melancólico, mas como um presente inacabado, uma ordem a ser construída¹⁷. Ao recusar a universalidade, qualidade da linguagem da razão, e a autoconsciência, qualidade da linguagem do interesse, o barroco em sua versão brasileira, apresenta-se como modo privilegiado de integrar antagonismos e diferenças, reconhecendo a

¹³ BARBOZA FILHO, Rubem. Linguagens da Democracia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.23 n. 67, p.20, 2008.

¹⁴ BARBOZA FILHO, Rubem. *Sentimento de Democracia*. *Lua Nova*, São Paulo, n.59, p.26, 2003.

¹⁵ BARBOZA FILHO, Rubem. *Sentimento de Democracia*. *Lua Nova*, São Paulo, n.59, p.30, 2003.

¹⁶ BARBOZA FILHO, Rubem. *Sentimento de Democracia*. *Lua Nova*, São Paulo, n.59, p.29, 2003.

¹⁷ BARBOZA FILHO, Rubem. *Sentimento de Democracia*. *Lua Nova*, São Paulo, n.59, p.29, 2003.

dinamicidade labiríntica do mundo, manifestando a supremacia da linguagem dos sentimentos para interpretar o Brasil.

Entretanto, ele não é capaz de, sozinho, inventar uma tradição, delinear uma identidade nacional, o que se dá, apenas, com o concurso do romantismo, cuja produção literária, efetivamente, cria um mito de fundação nacional. “O índio, o negro, o gaúcho, o nordestino, o carioca urbano, o mineiro desconfiado, a floresta, os pampas, as montanhas e rios” seriam incorporados em um todo orgânico, colorido e multiforme, compondo a originalidade mitológica brasileira¹⁸.

Segundo Barboza, o romantismo à brasileira conserva os traços da linguagem do sentimento, integrando antagonismos e diferenças. Em sua forma original, na Europa, o romantismo é uma reação à idéia iluminista de progresso e produto de um trauma cultural provocado pelo industrialismo, exigindo um apuro estilístico em sua modalidade escrita, visando a sustentar as poderosas argumentações que denunciavam as patologias de então. No Brasil, o romantismo adquire uma nova roupagem, se desenvolvendo, principalmente, como narrativa oral, uma vez que, em um país de iletrados e de dimensões gigantescas, a feição européia era inviável. De certa maneira, o romantismo se torna uma espécie de verbalismo, apegado aos efeitos fáceis, capazes de empolgar a sociedade¹⁹.

Se por um lado o romantismo se mostra imperfeito no estilo, por outro lado, ele inventa o Brasil para os brasileiros e a idéia mitológica de povo.

O romantismo “democratizava” o Brasil para os brasileiros, cancelando-o enquanto totalidade emanada da vontade real e por ela determinada, instituindo a idéia de povo-artista, de um povo-autor que se realizava e plenificava ao produzir a narrativa coletiva do país e a epifania da nação. Conscientemente, [evitava] a presença fundadora do imperador – lusitano, diga-se de passagem – e redefinia a nação como obra comum de todos, sustentada pelo *sentimento* de brasilidade, cuja substância desprezava o real para encontrar seu manancial no mito e na fabulação. O romantismo rouba a nação do rei e a entrega aos brasileiros, libertando-a de seu passado e reorientando-a para o futuro (BARBOZA FILHO, 2003, p.34)²⁰.

Essa idéia de nação e povo, encontrada em fábulas e mitos, não é mera reprodução da vida real, mas um empreendimento criativo, cuja finalidade é a comunhão de sentimentos, a noção de uma unidade anterior aos interesses. O romantismo brasileiro é um prolongamento da perspectiva anti-utilitária e anti-faústica do barroco, de modo a acentuar o sentimento

¹⁸ BARBOZA FILHO, Rubem. Sentimento de Democracia. **Lua Nova**, São Paulo, n.59, p.32, 2003.

¹⁹ BARBOZA FILHO, Rubem. Sentimento de Democracia. **Lua Nova**, São Paulo, n.59, p.34, 2003.

²⁰ BARBOZA FILHO, Rubem. Sentimento de Democracia. **Lua Nova**, São Paulo, n.59, p.34, 2003.

compartilhado de comunidade²¹. Portanto, assim como o barroco, o romantismo brasileiro também se apresenta como uma expressão da linguagem dos sentimentos.

É na senda desse modelo de linguagens políticas da modernidade, proposto por Barboza Filho, que esta dissertação tem o intuito de se respaldar, para analisar tanto o positivismo de Auguste Comte quanto sua influência na obra de brasileiros como Pereira Barreto, Teixeira Mendes e Miguel Lemos.

A questão central diz respeito à pesquisa de linguagens da modernidade nos autores citados, apresentando características das mesmas. A análise dessas características deve levar à demonstração da predominância de uma linguagem sobre as outras, no caso, a linguagem dos sentimentos.

No primeiro capítulo, especificam-se as influências intelectuais de Saint-Simon, Condorcet e De Maistre, que contribuíram para a percepção e a reflexão de Comte, no que diz respeito ao período pós Revolução Francesa. Situar o autor em seu cenário intelectual e político torna possível um entendimento mais preciso da formulação do conceito de ordem no positivismo comteano, além de ser fundamental, para a metodologia utilizada, ou seja, a teoria da linguagem.

No segundo capítulo, delimitam-se aspectos das linguagens que permeiam a obra de Comte, desde aquela que remete a uma lógica fortemente sistemática e racional até a que se expressa em termos de concepção religiosa. São exemplos principais dessas linguagens, respectivamente, o *Curso de filosofia positiva* e o *Catecismo positivista*. Vale assinalar que não há rupturas drásticas entre as duas mencionadas linguagens. Ao contrário, há entre elas um permanente diálogo, mediado pela terceira linguagem, a dos sentimentos, presente tanto na Enciclopédia quanto na Religião da Humanidade. O sentimento é concebido como princípio ativo da razão e da religião.

No terceiro e último capítulo, avalia-se em que medida a linguagem dos sentimentos prevalece na transposição do positivismo para o Brasil, influenciando a percepção de positivistas brasileiros, tanto os ortodoxos quanto os heterodoxos. Essa designação, mesmo não sendo sustentável, dados os desdobramentos do positivismo entre nós, será considerada no trabalho, em virtude de sua difusão e reprodução entre os estudiosos ligados ao tema.

²¹ BARBOZA FILHO, Rubem. Sentimento de Democracia. **Lua Nova**, São Paulo, n.59, p.35, 2003.

E finalmente, apresentam-se algumas considerações finais, cujo intuito é sintetizar o caminho percorrido ao longo do trabalho, apontando a linguagem dos sentimentos como princípio ativo do positivismo.

1 A ORIGINALIDADE DO PENSAMENTO DE AUGUSTO COMTE: REORGANIZAÇÃO SOCIAL E TEORIA

Em um momento inicial desta leitura de Auguste Comte a atenção se voltará mais detalhadamente para os primeiros ensaios, que dizem respeito ao período de sua colaboração com Saint-Simon. O objetivo da análise dessas obras é assinalar as influências do pensamento deste sobre as formulações comteanas, dando conta de divergências significativas para identificar a originalidade do pensamento de Comte.

O *Opúsculo de Filosofia Social* é uma coletânea organizada pelo próprio Auguste Comte, compreendendo textos diversos, inclusive alguns publicados anteriormente com a assinatura de Saint-Simon. A coletânea é composta dos seguintes ensaios: *Separação Geral entre as Opiniões e os Desejos* (1819); *Sumária Apreciação do Conjunto do Passado Moderno* (1820); *Plano dos Trabalhos Científicos Necessários para Reorganizar a Sociedade* (1822); *Considerações Filosóficas sobre as Ciências e os Cientistas* (1825); *Considerações sobre o Poder Espiritual* (1826); *Exame do Tratado de Broussais sobre “A Irritação”* (1828).

A urgência da reorganização social e as condições para que ela se efetivasse foi um tema recorrente nos primeiros escritos de Comte. Em 1820, em *Sumária Apreciação do Passado Moderno*, Comte postula o estudo do passado como condição da reestruturação social, em busca de vínculos entre teoria social e história. É basicamente um estudo de história social, política e intelectual, desde os primórdios da Idade Média até os dias contemporâneos do autor, e seu objetivo era explicar o surgimento da sociedade industrial. Segundo o autor, o processo histórico se dá em dois movimentos, um negativo, o de desorganização do sistema teológico; outro positivo, de organização do sistema social²². Ambos caracterizariam a revolução ocidental, haja vista, que, desde o século XI, de acordo com Auguste Comte, podia-se observar a coexistência desses dois sistemas entrando em choque, ora aberta ora indiretamente²³. Nesse ensaio, pode-se afirmar que Comte ainda estava sob a influência de Saint-Simon, principalmente por seu modo de percepção do processo histórico e do emprego do método de séries históricas, influência que aparece também em sua utilização de conceitos de fundo econômico em análises do período industrial.

²² Comte percebia a sociedade como um grande sistema. Podemos encontrar elementos que comprovam esta perspectiva em várias obras, seja no *Cours* ao formular a grande enciclopédia positiva, ou no *Système de Politique Positive*. Para aprofundar neste assunto, consultar o artigo *História de um sistema* de Annie Petit.

²³ COMTE, Auguste. *Sumária Apreciação do Conjunto do Passado Moderno*. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.19.

Pode-se perceber, outrossim, que o ensaio tratado já oferece elementos originais, que iriam se consolidar, posteriormente, em sua teoria. Dando início à análise histórica da Europa Ocidental, Comte divide o poder em dois: espiritual e temporal, emergindo do Cristianismo e de desmembramentos do Império Romano, respectivamente. A constituição definitiva desses dois poderes ocorreria, entretanto, apenas nos séculos XI e XII, quando o feudalismo se define como poder temporal e a autoridade papal se exerce como poder espiritual²⁴. A originalidade de Comte diz respeito à ênfase que o poder espiritual foi adquirindo sobre o temporal no processo de reorganização social e o caráter relevante da ciência ao longo desse desenvolvimento histórico²⁵.

A história do movimento de organização do sistema social positivo condizia com a história do desenvolvimento das ciências respaldadas em observação, as quais teriam sido introduzidas na Europa pelos árabes²⁶. Comte acreditava que a introdução das ciências de observação acarretaria a substituição dos poderes espirituais, dos teólogos ou dos metafísicos, pelo caráter positivo da explicação científica, desprovida tanto do caráter sobrenatural da explicação teológica quanto do caráter abstrato da metafísica²⁷.

A ciência como ponto de partida para a tarefa de reorganizar a sociedade será tema de discussão também nos *Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade*. Esse texto, de um Comte ainda jovem, com 24 anos, ganhou enorme relevância, sendo considerado um dos mais importantes da obra positivista, sendo chamado de “Opúsculo fundamental” pelo próprio autor. A primeira edição, datada de 1822, tem o seguinte título: *Prospectus des travaux scientifique nécessaires pour réorganizer la société*; A segunda edição aparece em 1824, sob o título de *Système de Politique Positive*. Ambas as edições foram prefaciadas por Saint-Simon, sendo a segunda apresentada com sérias restrições ao conteúdo. Essa foi a última colaboração de Saint-Simon e Comte. Na segunda edição, Auguste Comte havia introduzido algumas modificações significativas no conteúdo do texto. A terceira e última edição do “Opúsculo Fundamental” foi editada em apêndice ao *Système de Politique Positive (ou Traité de Sociologie instituant la Religion de l’ Humanité)*, agora com o título definitivo: *Plan des travaux scientifique nécessaire pour réorganizer la société*.

²⁴ COMTE, Auguste. Sumaria Apreciação do Conjunto do Passado Moderno. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.15-28.

²⁵ PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Helgio (org). **Positivismo teoria e pratica**. Porto Alegre: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999. p.16.

²⁶ COMTE, Auguste. Sumaria Apreciação do Conjunto do Passado Moderno. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 17.

²⁷ COMTE, Auguste. Sumaria Apreciação do Conjunto do Passado Moderno. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 17.

No prefácio à segunda edição do Opúsculo fundamental, Saint-Simon considera o trabalho de Comte muito bom, ressalvando, no entanto, que sua ênfase excessiva em generalidades e sua crença demasiada na ciência, o impediam de ver a revolução industrial como o verdadeiro vetor da reorganização social.

O *Plano dos Trabalhos Científicos Necessários para Reorganizar a Sociedade* também se encontra na coletânea de Augusto Comte intitulada *Opúsculo de filosofia social*. A versão do ensaio editada no *Opúsculo de Filosofia Social* é a mesma da terceira edição, que consta do apêndice do *Système de Politique Positive*. Neste, discute-se pela primeira vez o conceito histórico-positivo dos “três estados”, remetendo a Condorcet a fundação positivista-sociológica.

De acordo com Comte, seria necessário confiar aos cientistas os trabalhos teóricos preliminares, tidos como indispensáveis para a reorganização da sociedade, uma vez que “1º os cientistas, por seu gênero de capacidade e de cultura intelectual, são os únicos competentes para executarem esses trabalhos; 2º esta função lhes é destinada pela natureza das coisas, por constituírem o poder espiritual do sistema de organizar; 3º só eles, possuem a autoridade moral necessária para determinar a adoção da nova doutrina orgânica, quando esta estivesse formada; 4º e finalmente, de todas as forças sociais existentes, a dos cientistas é a única européia”.²⁸

Para obter tal feito, os cientistas teriam que proceder de acordo com o método positivo, utilizando-se da observação. De acordo com Comte, foi Condorcet, em *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*, quem primeiro desenvolveu um estudo voltado para a elevação da política ao mesmo patamar das ciências da observação. Teria sido ele o primeiro a perceber que a história da humanidade não ocorre ao acaso, mas sim obediente a uma “lei natural” de desenvolvimento. “Foi ele o primeiro a ver claramente que a civilização está sujeita a uma marcha progressiva, na qual todos os passos são rigorosamente encadeados uns aos outros, segundo leis naturais”.²⁹

Antes de Condorcet, Montesquieu, em o *Espírito das leis*, também teria contribuído para a fundação sociológica positivista. “É a Montesquieu que deve ser ligado o primeiro esforço direto de tratar a política sob o prisma de uma ciência de fato e não de dogmas”.³⁰ De acordo com Comte, a idéia de lei social de Montesquieu resultava da observação dos fatos.

²⁸ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.81.

²⁹ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.111.

³⁰ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 108.

Contudo, Montesquieu não teria construído uma verdadeira ciência social, pois lhe teria faltado perceber o desenvolvimento natural da civilização, não ligando fatos políticos a uma teoria capaz de evidenciar a necessidade de um novo sistema agindo pela sociedade³¹.

Ao detectar a existência de leis histórico-naturais, Condorcet pode conceber o método que seria capaz de elevar a teoria social ao mesmo patamar de positividade das ciências em geral, ou seja, o método da observação dos fatos, que contrasta com a percepção abstrata e metafísica das teorias que fazem uso da imaginação ao estudar as origens do desenvolvimento da sociedade.

Após identificar a contribuição de Condorcet, voltada para a questão metodológica do achado de uma lei histórico-natural, Comte começa a criticá-lo em alguns pontos. O primeiro erro de Condorcet, segundo a crítica, foi ter dado importância demasiada ao século XVIII, condenando o passado, ao invés de apenas observá-lo. O segundo erro de Condorcet foi ter se deixado dominar cegamente pelos preceitos iluministas de revolução, liberdade e igualdade, o que teria impedido a concentração de seus esforços na tarefa de organização da sociedade³².

Dois erros gravíssimos segundo Comte, primeiro, porque, do ponto de vista da constituição de uma ciência social, não há que se fazer julgamento sobre o valor dos fatos observados, ferindo o princípio da neutralidade científica. “Os astrônomos, os físicos, os químicos e os fisiologistas não admiram nem censuram seus fenômenos respectivos”³³, apenas os observam. Ao desenvolver seu quadro histórico, Condorcet teria julgado o século XVIII superior aos demais séculos, esquecendo que a superioridade de um século em relação ao outro era uma perspectiva equivocada, uma vez que o movimento da história só seria possível com a acumulação de progressos parciais dos séculos anteriores³⁴. Comte acreditava que a filosofia de Condorcet sobre a história não produziria bons resultados, por promover interpretações viciosas sobre o futuro. “Esta insuficiência da observação o reduziu a compor o futuro essencialmente de imaginação”³⁵.

³¹ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.111.

³² COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 116.

³³ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 116.

³⁴ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 116-117.

³⁵ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 119.

As críticas de Comte a Condorcet, no que tange a seu desenvolvimento do quadro histórico, levam aos argumentos da *neutralidade científica* e da *relatividade positivista*. A idéia de relatividade já havia sido desenvolvida em um ensaio intitulado *Programmes des travaux qui seront employés dans l'ouvrage l'Industrie* no “2º caderno” de *A Indústria*, de 1817. *A Indústria* foi um periódico criado e dirigido por Sant-Simon, de 1816 a 1818. Esse ensaio, que não registra o nome de Auguste Comte e sim o de Saint-Simon, contém uma idéia que será integrada ao positivismo: “Tudo é relativo; eis o único princípio absoluto”³⁶. É dessa perspectiva relativista que Comte considera o erro de Condorcet, ao julgar a superioridade do século XVIII, uma vez que os séculos se equivalem, e o progresso histórico da humanidade é irreversível, não se dando em saltos abruptos ou retrocessos. De acordo com o princípio da relatividade, “as instituições e as doutrinas devem considerar-se como tendo sido, em todas as épocas, tão perfeitas quanto comportava o estado da civilização, o que não poderia ser de outro modo, pelo menos ao cabo de certo tempo, pois são necessariamente determinadas por ele”³⁷.

Os pontos de vista contraditórios de Condorcet, apontados por Comte, parecem ser também os de Saint-Simon, que, dez anos antes de ter Comte como seu colaborador, já citava as obras de Condorcet³⁸. O segundo erro de Condorcet, de acordo com Comte, diz respeito ao desmedido espírito crítico-revolucionário do século XVIII e seus preceitos de igualdade e liberdade. Esse espírito crítico comprometeria qualquer tentativa prática de organização da sociedade, uma vez que estimulava uma atitude permanente de revolta contra as camadas superiores da hierarquia. Condorcet não teria percebido que o primeiro efeito direto de um trabalho para a formação da política positiva seria o de fazer com que a filosofia crítica do século XVIII desaparecesse e que outro sistema de ideias, mais afiançado com as exigências do tempo, ocupasse seu lugar, objetivando organizar todo o corpo social³⁹.

O quadro histórico desenvolvido por Condorcet apresenta a história dos progressos do pensamento e das expressões concretas de igualdade e liberdade. O texto traça os vínculos entre os avanços da liberdade e da igualdade e o progresso do espírito humano. A narrativa de Condorcet enfatiza o aprofundamento das desigualdades entre os homens, desde a antiguidade até a idade das trevas. A indiferença pelo progresso e o desprezo pela ciência, pelo temor da

³⁶ COMTE, Auguste. Prefácio Geral. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 2. Este prefácio também pode ser encontrado no Apêndice Geral do 4º e último volume do Sistema de Política Positiva publicado em 1854.

³⁷ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 117.

³⁸ BENOIT, Lelita Oliveira. **Sociologia comteana: gênese e devir**. São Paulo: Discurso editorial, 1999. p.141.

³⁹ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 116.

dúvida e do exame, herdados do passado, só começou a definir a partir das cruzadas e da reintrodução das ciências no Ocidente, pelos árabes. Essa reintrodução preparou o espírito humano para a revolução.

A Revolução Francesa, para Condorcet, seria o ápice das conquistas da liberdade rumo à futura igualdade entre os homens, por romper as relações funestas de autoridade dos reis e dos padres sobre o povo, imprimindo progresso ao espírito humano. Para Condorcet, pela primeira vez na história, um povo libertou-se dos grilhões, outorgando a si próprio a constituição e as leis que acreditava serem as melhores para a sua felicidade. Teria sido, então, a partir da Revolução Francesa que os povos começaram a escrever sua própria história, resultante da razão, da soberania, da igualdade e da liberdade⁴⁰. A luta dos povos pela conquista da liberdade adquiriu um caráter de revolução permanente cujo fim estaria longe, pois, no âmbito da igualdade, restavam inúmeras conquistas a se materializar.

Condorcet, aos poucos, deixa de enfatizar a liberdade alcançada pelos povos na Revolução Francesa para tratar a temática da igualdade, suposta como um estado de natureza, de difícil recuperação, abordagem semelhante a de Rousseau. O caminho para a recuperação da igualdade seria a instrução e sua conseqüente universalização. De qualquer modo, O *Esboço* de Condorcet termina postulando o processo indefinido de aperfeiçoamento do homem e da sociedade, por via de revoluções sucessivas⁴¹.

É contra essa filosofia da história, tratando como momento privilegiado a Revolução Francesa e seus ideais de igualdade e a liberdade, que Comte se insurge, pois a moderna teoria social positiva não poderia pensar a história como progresso resultante de luta entre segmentos sociais, o que levaria a um estado de permanente anarquia. A reorganização social deveria ser orientada, ao contrário, pela noção de progresso como processo cumulativo, no qual o passado é uma espécie de farol a iluminar os rumos do futuro.

Se Comte se influencia, de um lado, pelo iluminismo de Condorcet, por outro lado, ele sofre a influência de Joseph De Maistre, autor católico com cuja doutrina teocrática o grupo de Saint-Simon entrara em contato por intermédio do livro *Du Pape*, por volta de 1820. Desde o final do século XVIII, a escola teocrática, principalmente De Maistre, vinha elaborando teorias contra-revolucionárias, na França. Marcadas por fortes críticas à filosofia política da Ilustração, essas teorias preconizavam a superioridade do absolutismo contra os ideais da

⁴⁰ BENOIT, Lelita Oliveira. **Sociologia comteana**: gênese e devir. São Paulo: Discurso editorial, 1999. p. 164-165.

⁴¹ BENOIT, Lelita Oliveira. **Sociologia comteana**: gênese e devir. São Paulo: Discurso editorial, 1999. p. 164-177.

Revolução Francesa, que teria instituído o mais alto grau de corrupção até então conhecido⁴². O contato com as idéias esposadas por Joseph De Maistre fez de Comte um adepto de uma filosofia que, no mínimo, simpatizava com sistemas hierárquicos.

Em seu *Opúsculo Fundamental*, Comte não adere inteiramente nem a Condorcet nem a De Maistre. Ao contrário de Condorcet, e sua ênfase no processo revolucionário do século XVIII como momento de ruptura instaurador de uma nova ordem social, ou de De Maistre e sua avaliação negativa da Revolução Francesa como processo inescapável de corrupção, Augusto Comte classifica a Revolução Francesa como um movimento positivo orgânico, situando-se nos limites de sua concepção de processo histórico, série articulada de acontecimentos rumo ao progresso da humanidade.

A busca pela explicação do processo revolucionário pelo qual passava a França e, conseqüentemente, todo o Ocidente, leva Auguste Comte a reintroduzir sua noção de filosofia da história, segundo a qual há dois movimentos na modernidade, um de desorganização e outro de organização. Esses dois movimentos, característicos da época moderna, já tratados em *Sumária Apreciação do Conjunto do Passado Moderno* de 1820, são retomados em 1822 para classificar a época moderna, período de grandes mudanças e revoluções, apenas como um período de *transição*⁴³. Os processos de desorganização, característicos do esfacelamento do sistema feudal teológico, e de organização do novo sistema positivo industrial são concomitantes. Movimentos contrários, organização e desorganização, se localizam no segundo estágio da história positivista, denominado de período metafísico⁴⁴.

Para precisar o conceito de transitoriedade, próprio do período metafísico, marcado por revoluções e mudanças, Comte desenvolve uma análise histórico-abstrata das principais tendências políticas do começo do século XIX. Da análise resultam a doutrinas “dos reis” e a “dos povos”, ambos defensores da necessidade de reorganizar a sociedade: para os reis, a reorganização seria possível pelo restabelecimento do sistema feudal e teológico; para os povos, a doutrina preconiza a reorganização pela instalação de um estado permanente de revolução⁴⁵.

De acordo com Comte, ambas as doutrinas são viciosas: a dos reis, porque fundada exclusivamente na opinião dos governantes, imprime um movimento retrógrado na história

⁴² MORAES, João Quartim de. Joseph de Maistre: O Anti-Rousseauismo da Contra-Revolução. In: **Primeira Versão**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1996. p.1-2.

⁴³ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 56.

⁴⁴ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 73.

⁴⁵ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 59.

humana, restabelecendo o absolutismo. O retrocesso histórico, no entanto, seria improvável, pois não é possível voltar atrás e destruir os desenvolvimentos da civilização, conquistados até então. Sob o aspecto espiritual, não haveria como suprimir a filosofia do século XVIII, e seus ideais de liberdade, soberania e igualdade, nem apagar os efeitos da Reforma Protestante do século XVI, e seu questionamento dos poderes absolutos da igreja católica, lembrando, ainda, a impossibilidade de suprimir os avanços das ciências da observação, introduzidas na Europa pelos árabes⁴⁶. Do ponto de vista temporal, não seria possível destruir as classes emergentes da organização industrial e restabelecer a escravidão. Esse movimento de retrogradação significaria apenas o adiamento da queda definitiva do antigo sistema, obrigando a sociedade a recomeçar a destruição⁴⁷.

A divisão feita por Auguste Comte entre poderes *temporais* e poderes *espirituais*, reapropriando-se de categorias da história para justificar um desenvolvimento histórico progressivo, aparecera anteriormente, mesmo que de modo embrionário, no ensaio de 1820. Em 1822, essas categorias, temporais e espirituais, são retomadas, para justificar o processo histórico de reordenamento da vida política e intelectual do ocidente.

Dando sequência à análise, o autor afirma que a doutrina política dos povos, se prende em demasia ao processo de mudança permanente, perdendo-se, no entanto, na procura de um novo sistema de natureza imprecisa. Se o erro da doutrina dos reis é analisar o passado, propondo sua restauração, a doutrina dos povos erra em relação aos princípios⁴⁸, fundamentando-se em bases falsas, ou melhor, em princípios metafísicos e revolucionários. Portanto, se o objetivo é a reorganização social, os povos devem abandonar os princípios equivocados, que foram considerados verdades absolutas desde a Revolução Francesa.

Sob o ponto de vista espiritual, o principal princípio metafísico da doutrina dos povos é o dogma da liberdade ilimitada de consciência; do ponto de vista temporal, é o dogma da soberania das classes menos civilizadas. A liberdade de consciência, historicamente, corresponde à decadência das crenças teológicas, indicando, certamente, um progresso do espírito humano, quando considerada como arma de combate contra o sistema teológico. Por outro lado, quando analisado sob a ótica da organização social, o princípio da liberdade de

⁴⁶ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.57.

⁴⁷ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.58.

⁴⁸ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.59.

consciência torna-se impeditiva do estabelecimento universal de qualquer sistema de idéias gerais, comuns a todos os indivíduos⁴⁹.

Segundo Comte, não há liberdade de consciência em astronomia, física, química, fisiologia e, nem por isso, os indivíduos rejeitam os princípios estabelecidos nessas ciências por homens competentes. Se o mesmo não ocorre em política, é porque o princípio de liberdade ilimitada de consciência, aclamado pelos povos, favorece o não estabelecimento de consenso de princípios, contribuindo, fortemente, para a permanência de um estado constante de confusão e anarquia⁵⁰.

O dogma da soberania popular, arma de combate na luta contra o princípio do direito divino, não é mais do que a aplicação política do dogma da liberdade de consciência, proclamado para combater as idéias teológicas. O dogma da soberania popular substitui o arbítrio dos reis pelo arbítrio dos povos, ou seja, pelo arbítrio dos indivíduos, tendendo, portanto, ao desmembramento do corpo social e à atribuição de poder às classes menos civilizadas, as quais reorganizariam o sistema social com base em uma concepção de permanente crise revolucionária⁵¹.

Ambos os dogmas, o da liberdade de consciência e o da soberania popular, são igualmente impróprios para reconstruir um sistema positivo: o primeiro, por ser antiteológico; o segundo por ser antifeudal. A contradição aparece em seus próprios termos, pois a liberdade de consciência, fundamento da doutrina, é desconsiderada quando seus propositores excluem teologia e feudalismo como opções de uma consciência livre.⁵² A teoria crítica dos povos é, por conseguinte, imprópria para presidir à reorganização social, uma vez que propicia a instabilidade social permanente, um estado de anarquia temporal e espiritual⁵³.

Frente à exposição das duas doutrinas, verifica-se que, para Comte, ambas são igualmente viciosas, e constituem-se como tendências de uma revolução permanente⁵⁴. Essa constatação conduz à necessidade de uma nova doutrina, que se esboça na conclusão do ensaio de 1822: “Todas as considerações precedentes expostas provam que o meio de sair,

⁴⁹ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.60.

⁵⁰ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.61.

⁵¹ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.61.

⁵² COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.61.

⁵³ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.62.

⁵⁴ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.62.

afinal, deste deplorável círculo vicioso, origem inesgotável das revoluções, não consiste no triunfo da opinião dos reis, nem no da opinião dos povos, tais como se manifestam atualmente”. O único meio de saída desse círculo vicioso é, então, a formulação da doutrina orgânica, e sua indispensável adoção geral, pelos povos e pelos reis ⁵⁵.

Apenas a doutrina orgânica, dado seu caráter, nem retrógrado nem revolucionário, pode por fim à crise anárquica, instalada nos desdobramentos da Revolução Francesa, orientando a sociedade inteira na senda de um novo sistema⁵⁶, capaz de imprimir características positivas ao movimento de uma necessária reorganização da sociedade⁵⁷.

O restabelecimento da *ordem* operaria como condicionante do *progresso* e a doutrina orgânica de Comte se situa, como é possível verificar, em uma posição intermediária à de Condorcet, favorável à revolução permanente, e à de De Maistre, defensor do restabelecimento da ordem teocrática.

Antes de qualquer outra coisa, a nova doutrina social tem como tarefa desenvolver-se como ciência positiva, do que se pode concluir que o trabalho de reorganização social é tarefa teórico-científica. Para reorganizar a sociedade são necessárias duas séries de trabalhos, uma teórica ou espiritual e outra prática ou temporal. A espiritual tem por fim o desenvolvimento do novo sistema de idéias, operando com princípios positivos, e não mais metafísicos e abstratos. O trabalho de reorganização social, em seus aspectos práticos ou temporais, determina o modo de distribuição do poder e o conjunto de instituições administrativas em maior conformidade com o espírito do sistema, tal como determinado pelo trabalho teórico. A série de trabalhos práticos seria, por conseguinte, uma consequência do trabalho teórico⁵⁸.

É compreensível, então, que, mesmo considerando aspectos práticos da reorganização social, Comte tenha enfatizado aspectos teóricos ou espirituais⁵⁹. A supremacia da teoria sobre a prática garante, segundo ele, um *status* privilegiado a sua proposta, conferindo-lhe autoridade no processo de reorganização da sociedade.

O reordenamento social efetivo exige a postulação da sociedade como algo que pode ser observado, nos termos de uma ciência positiva. Tal postulação difere das teorias contratualistas do século XVIII. Desse modo, a sociedade não se constitui a partir de um pacto

⁵⁵ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.63.

⁵⁶ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.63.

⁵⁷ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.66.

⁵⁸ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.69.

⁵⁹ BENOIT, Lelita Oliveira. **Sociologia comteana**: gênese e devir. São Paulo: Discurso editorial, 1999, p. 197.

original de indivíduos livres e iguais, respaldado em princípios abstratos e metafísicos. Ao contrário, a sociedade existe apenas sob o exercício de uma ação geral e combinada, dirigido a um objetivo social comum⁶⁰. As regras comuns exigidas para reger a sociedade devem, portanto, ser pensadas a partir de um plano científico de caráter universal.

Fica evidente que Comte credita a uma coligação compacta e ativa de cientistas a tarefa de promover e efetivar a reorganização social, dado que eles, os cientistas, se entendem e se correspondem com facilidade, de maneira contínua, de um extremo ao outro da Europa, constituindo um corpo coeso dotado de uma linguagem universal⁶¹.

Segundo Auguste Comte, a permanência da desordem social se deu, no passado, devido à prevalência da prática sobre a teoria. Longe de ser uma tarefa eminentemente prática, a reorganização da sociedade requer a elaboração de um consistente trabalho teórico, previamente formulado⁶². No período metafísico, a classe de práticos industriais conduziu ao processo político instável do século XVIII; no século XIX, contudo, a natureza teórico-científica da política exige outro tipo de capacitação. Os sábios das ciências da observação são, por isso, os únicos capazes de dirigir o trabalho teórico necessário para reorganizar a sociedade⁶³.

A classe dos cientistas, dada sua incontestável autoridade teórica, pode exercer uma verdadeira influencia espiritual, sendo detentores de força moral para impor a nova doutrina universalizante⁶⁴.

Os cientistas elevariam a política à categoria das ciências da observação, facilitando a condensação de observações de toda a história político-social. Transformando fatos político-sociais em objetos passíveis de observação, os cientistas, certamente, perceberiam, no movimento histórico, a existência de uma lei progressiva natural, lei do movimento histórico de toda a humanidade.

A nova doutrina orgânica, além de se fundar na *ordem* restabelecida pela classe dos intelectuais, deve ter como princípio a concepção de progresso histórico. A generalização, portanto, seria um resumo histórico da marcha do espírito humano. No ensaio de 1822,

⁶⁰ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 69.

⁶¹ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 79.

⁶² COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 76.

⁶³ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.77.

⁶⁴ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.78.

encontram-se pela primeira vez escritos sobre a teoria dos três estados⁶⁵. “Pela própria natureza do espírito humano, cada ramo do nosso conhecimento está necessariamente sujeito, em sua marcha, a passar sucessivamente por três estados diferentes: o estado teológico ou fictício, o metafísico ou abstrato, e, enfim, o científico ou positivo”⁶⁶.

No primeiro estágio, o teológico, as idéias sobrenaturais servem para ligar um pequeno número de observações isoladas de que se compunha a ciência de então. Em outros termos, os fatos observados são *explicados*, isto é, representados *a priori* segundo fatos inventados. Esse estado é o de qualquer ciência em sua origem. O segundo estado, o metafísico, é um meio de transição do primeiro para o terceiro. Seu caráter é bastardo, ligando fatos segundo idéias que ainda não são inteiramente naturais, mas abstrações personificadas, nas quais o espírito pode ver ou uma causa sobrenatural, ou o enunciado abstrato de uma série de fenômenos, segundo sua maior ou menor proximidade do estado teológico ou científico⁶⁷.

O terceiro estado é o modo definitivo de qualquer ciência, sendo que os dois primeiros destinam-se a prepará-lo. Nesse estado, os fatos se ligam segundo idéias ou leis gerais de ordem inteiramente positiva, confirmadas pelos próprios fatos, não recorrendo jamais a idéias sobrenaturais ou abstrações. Trata-se de fatos gerais que podem ser verificados pela observação, considerando-os, em todos os casos, apenas como meio de expressão geral para todos os fenômenos⁶⁸.

Destarte, o progresso do espírito exprime-se em certos avanços da ciência, ou modo de conhecer, resumido em uma sequência de etapas históricas sucessivas, ligadas a fatos e não a valores abstratos ou metafísicos, contrariamente ao que faz Condorcet, quando trata de ideais de liberdade e igualdade.

A lei dos três estados é um método histórico que exprime a síntese levada a cabo pelas ciências positivas. “Os homens familiarizados com a marcha das ciências, podem facilmente verificar a exatidão deste resumo histórico geral em relação às quatro ciências fundamentais, que hoje são [consideradas] positivas: a astronomia, a física, a química e a fisiologia”. E o mesmo método positivo, também, deve expandir-se, aos poucos, para outros campos de conhecimento, inclusive para a ciência que aborda o social, ou seja, a sociologia. A expansão da utilização dos métodos positivos deve se dar em uma linha histórica progressiva:

⁶⁵ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.82.

⁶⁶ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.82.

⁶⁷ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.82.

⁶⁸ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.82.

primeiro a astronomia⁶⁹, seguida pela física, pela química, pela fisiologia⁷⁰, até chegar à sociologia⁷¹.

O modo como Comte reconstrói a política como ciência positiva demonstra como ele pretendia aplicar o método positivo no estudo da sociedade, fazendo desta um objeto da ciência. Para constituir a política como ciência positiva, os cientistas teriam que fazer uso das observações de fatos políticos anteriores, da doutrina dos reis e da doutrina dos povos, extraíndo deles uma lei geral, de modo a imprimir aos fatos políticos um movimento histórico ascendente natural. A doutrina dos reis, devido a suas características absolutistas, representaria o estado teológico da política, sendo as relações sociais expostas segundo a idéia sobrenatural do direito divino e as transformações políticas explicadas segundo o princípio de uma direção sobrenatural, exercida de maneira contínua, desde os primórdios da humanidade⁷².

O declínio dessa doutrina cede espaço para a doutrina dos povos, que exprime o estado metafísico da política, uma vez que se funda na suposição abstrata e metafísica de um contrato social, que garantiria os direitos de liberdade e igualdade a todos os homens. O importante é perceber que antes de se tornar uma ciência positiva, a análise política se apoiava em abstrações e não em observações⁷³. A noção de contrato social, nela central, remete a Rousseau, e é notável sua influência sobre teóricos metafísicos da doutrina política do século XVIII⁷⁴.

Ultrapassados os dois primeiros estados, o teológico e o metafísico, a política está apta a atingir o terceiro, rumo à obtenção de uma ordem estável definitiva⁷⁵, algo anteriormente inviável, uma vez que a positividade científica supõe a progressividade: todas as ciências particulares tornam-se sucessivamente positivas, umas após as outras, seguindo o movimento natural que as revoluções operavam. A ordem de positividade das ciências, segundo Comte, acontece de acordo com o “grau de complicação maior ou menor de seus fenômenos, ou, em outros termos, de sua relação mais ou menos íntima com o homem. Assim os fenômenos

⁶⁹ Inicialmente, Comte começou a sua enciclopédia pela ciência astronômica. Como o passar do tempo ele incorporou a matemática como a ciência que precede todas as outras.

⁷⁰ O termo fisiologia mais tarde foi trocado por Comte pelo termo Biologia.

⁷¹ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.83.

⁷² COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.83.

⁷³ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.83.

⁷⁴ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.83.

⁷⁵ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.83.

astronômicos em primeiro lugar, como sendo os mais simples, e em seguida, sucessivamente, os físicos, os químicos e os fisiológicos”⁷⁶. Em último lugar, a reforma a se operar-se é a dos fenômenos políticos, os mais complicados, pois dependem de todos os outros níveis⁷⁷.

A conclusão de Auguste Comte, no ensaio de 1822, reporta-se à necessidade de traçar um plano de reordenamento da sociedade, fundamentado em trabalhos científicos, implicando, portanto, a transformação da política em uma ciência da observação.

Não é ocioso retornar aos trabalhos de Comte em parceria com Saint-Simon, nos quais se percebe a centralidade da ideia de ordem, seja no ensaio de 1820 ou no de 1822. Ao mesmo tempo, no entanto, algumas diferenças entre os dois filósofos começam aparecer. Saint-Simon defende os anseios concretos do movimento operário do século XIX, enfatizando a concepção social-igualitária, básica para as pretendidas reformas imediatas e materiais. Assim, ele concentra-se mais em seu próprio projeto de fazer política, do que propriamente no desenvolvimento de um modelo científico orientador da reorganização social. As diferenças marcantes de Comte e Saint-Simon ficam patentes em sua ruptura: enquanto Saint-Simon tem pressa e está mais interessado em uma intervenção imediata, buscando apoio dos industriais, banqueiros e artistas, Augusto Comte, quer aperfeiçoar a teoria, aproximando-se mais dos cientistas⁷⁸.

A ruptura com Saint-Simon não ocasiona, por parte de Comte, o abandono de questões político-sociais, até então sua grande motivação, invertendo, outrossim, seu ponto de partida: desde então, ao invés de começar das constatações da crise social para propor um novo sistema de idéias, condutor da solução positiva, ele parte das “meditações sobre o espírito humano e do sistema intelectual do homem para chegar a proposições sobre a organização moderna do corpo científico; e a preocupação com a política positiva é introduzida como necessidade de completar o sistema dos conhecimentos”. Essa virada em favor da prevalência da teoria sobre a prática reafirma o posicionamento de Comte em prol da ciência, atribuindo, como conseqüência, um caráter preponderante ao poder espiritual, uma vez que é dele a responsabilidade por uma educação geral e sistemática⁷⁹.

Após o rompimento com Saint-Simon seu primeiro ensaio foi *Considerações Filosóficas sobre as ciências e os Cientistas* (*Considérations philosophiques sur la science et*

⁷⁶ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.84.

⁷⁷ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.84.

⁷⁸ PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Hélió (Org.). **O positivismo teoria e prática**. 1.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999. p.15-16.

⁷⁹ PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Hélió (Org.). **O positivismo teoria e prática**. 1.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999. p.18.

les savants), datado de 1825. Logo depois, em 1826, publica *Considerações sobre o poder espiritual (Considérations sur le pouvoir spirituel)*. Esses dois ensaios também foram incorporados a sua coletânea, intitulada *Opúsculo de Filosofia Social*, mas não estão compreendidos no período de sua colaboração com Saint-Simon.

A partir de suas *Considerações* de 1825 e 1826 (*Considérations philosophiques sur la science et les savants* e *Considérations sur le pouvoir spirituel*), ele passa a analisar mais os sistemas de pensamento do que os sistemas sociais propriamente ditos⁸⁰. Essa mudança de enfoque pode ser percebida quando Comte diz que, ao estudar o desenvolvimento do espírito humano, descobriu uma lei fundamental referente ao sistema intelectual do homem, segundo a qual o intelecto também se desenvolve passando por três estágios distintos: o teológico, metafísico e o positivo ou físico.

Critérios de reorganização são percebidos ainda nas *Considerações*, sendo identificados e aperfeiçoados no *Cours de Philosophie Positive*. Ao desenvolver uma hierarquia bem estabelecida para as ciências, Comte acredita ter descoberto o remédio para todos os males da sociedade desorganizada. Valendo-se de um rigor matemático, ele desenvolve uma sistematização das ciências, afirmando que após a física celeste, a física terrestre (mecânica ou química), a física vegetal e a física animal, faltava apenas a física social atingir o estágio positivo. Chamada até então de física social, essa última ciência revolucionou a maneira de pensar, ao se distinguir das outras físicas, não por uma questão metodológica, mas por abordar coletividades distintas, como “espécie humana, gênero humano, sociedade, civilização”⁸¹.

Neste capítulo, tratou-se de situar Comte em seu cenário intelectual e político, assinalando influências principais e rupturas relevantes para o entendimento da especificidade de sua teoria. Este foi um passo seguro em direção ao próximo capítulo, no qual a análise da obra deve revelar as linguagens em que ela se constitui e se expressa.

⁸⁰ PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Hélió (Org.). **O positivismo teoria e prática**. 1.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999. p.19.

⁸¹ PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Hélió (Org.). **O positivismo teoria e prática**. 1.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999. p.20.

2 AUGUSTE COMTE E AS LINGUAGENS: RAZÃO, RELIGIÃO E SENTIMENTO

Neste capítulo, conforme anteriormente mencionado, delimitam-se aspectos das linguagens que permeiam a obra de Comte, assinalando a presença da linguagem da razão, no *Curso de filosofia positiva*, e da linguagem religiosa, mais evidente no *Catecismo positivista*. Sem apresentar rupturas drásticas entre si, essas linguagens estabelecem um permanente diálogo, mediado pela terceira linguagem, a dos sentimentos, presente tanto na Enciclopédia quanto na Religião da Humanidade. É importante enfatizar que o sentimento é concebido como princípio ativo da razão e da religião.

Ao analisar Auguste Comte em pleno contexto pós-revolucionário da França, sem esquecer as influências recebidas de seus contemporâneos, é possível entender mais claramente alguns conceitos importantes em sua obra, destacando-se a noção de ordem. Antes de focar, propriamente, o conceito de ordem, contudo, pleno de sentido na linguagem da razão, no que diz respeito ao processo de organização e hierarquização das ciências, é bom lembrar o cenário anárquico pós-revolucionário, que realça a temática da ordem, tornando-a central na obra de Auguste Comte. Para o autor, o processo de reorganização social inicia-se na esfera espiritual e, posteriormnete, implanta-se no plano temporal. A obra de Comte permite afirmar que ele empenhou-se mais no processo de reorganização espiritual, ficando a reorganização temporal apenas com promessa.

Os opúsculos de 1822 (*Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade*), de 1825 (*Considerações filosóficas sobre as ciências e os cientistas*) e de 1826 (*Considerações sobre o poder espiritual*) evidenciam a predominância da temática espiritual ou teórica sobre a temática temporal ou prática. Diretamente ligada ao trabalho teórico, seja dos cientistas seja dos sacerdotes, a reorganização do plano espiritual deve se desprender dos teóricos metafísicos e suas premissas abstratas e ilusórias. A crítica à metafísica deve propor a implantação de outro sistema de idéias mais organizado, ou seja, o sistema positivo⁸². Organizar o plano espiritual desvinculando-o das idéias metafísicas do Iluminismo corresponde à reorganização do plano intelectual, um pré-requisito da organização temporal, pois somente uma verdadeira comunidade intelectual, estabelecida sobre bases positivas pode

⁸² COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 116.

servir de fundamento sólido à organização política. Ou seja, a França passava por um momento turbulento na esfera política desde a queda da Bastilha, em que uma sucessão de governos demonstrara que o problema da anarquia não residia em um tipo de governo temporal. Para reorganizar a sociedade, resolvendo o problema da anarquia na França, a possibilidade única e exclusiva é a do trabalho no plano intelectual, mudando o modo de operação de mentes metafísicas conturbadas por premissas equivocadas. Sem dúvida, o melhor caminho para promover essa mudança intelectual ou espiritual, é a formulação de uma enciclopédia de bases estritamente positivas.

A empreitada de reorganização do intelecto da humanidade encontra-se em sua melhor elaboração no *Curso de filosofia positiva*. Essa obra divide-se em seis grandes tomos: o primeiro, *Les préliminaires généraux et la philosophie mathématique* (1ª a 19ª lição), publicado em 1830; o segundo, *La philosophie astronomique et la philosophie physique* (19ª a 34ª lição), publicado em 1835; o terceiro, *La philosophie chimique et la philosophie biologique* (35ª a 45ª lição), publicado também em 1835; o quarto tomo, *La partie dogmatique de la philosophie sociale, en tout ce qui concerne l'état théologique et l'état métaphisique* (46ª a 51ª lição), escrito em 1839; o quinto tomo, *La partie historique de La philosophie sociale en tout ce qui concerne l'état théologique et l'état métaphisique* (52ª a 55ª lição), publicado 1841; e o sexto e último tomo, *Le complément historique de La philosophie sociale et les conclusions générales* (56ª a 60ª lição), publicado em 1842⁸³.

De maneira geral, a preocupação de Comte nas lições de 1 a 45 se voltam para a construção de uma ciência social positiva, mesmo quando seu objetivo é estruturar em separado cada ciência fundamental, como a matemática, a astronomia, a física, a química e a biologia. Ao estudar cada uma dessas ciências, Comte procura vinculá-las à física social, uma vez que o próprio objetivo da criação das ciências positivas é a reorganização mental da sociedade. Por isso se faz tão necessária a vinculação de uma ciência à outra, objetivando sempre chegar a uma teoria da reorganização da sociedade.

Uma característica muito importante do grande sistema enciclopédico desenvolvido por Comte é a noção de hierarquia, de submissão de uma ciência à outra, tendo início nas que tratam de fenômenos mais gerais, mais simples, mais abstratos e mais afastados da humanidade, influenciando todas as outras ciências sem ser influenciada pela ciência subsequente. Nessa hierarquia, os fenômenos vão se particularizando, tornando-se mais

⁸³ Todos os tomos da *Cours de Philosophie Positive* estão disponíveis no site da Gallica – Bibliothèque Numérique <<http://gallica.bnf.fr>> e a datação que se segue de cada obra pode ser conferida nos manuscritos que também podem ser acessados neste site.

complexos, mais concretos e mais diretamente relevantes para o homem. Destarte, a sociologia, ou física social, de acordo com Comte, depende de todas as ciências precedentes, sem exercer sobre elas influência alguma. A disposição final da grande enciclopédia, ao seguir todos os critérios de crescente complexidade e de decrescente generalidade, tem, então, em sua base a matemática, seguida da astronomia, física, química, biologia até a física social ou sociologia⁸⁴.

A ordem hierárquica de distribuição das ciências também obedece a uma lei histórica de desenvolvimento, conferindo a primazia da origem à ciência menos complexa e mais geral. Seguindo esse percurso rumo à ciência social, o desenvolvimento das ciências opera, efetivamente, o movimento de transformação da teoria social em ciência positiva. Percebe-se, então, que a questão central em Comte não se reduz a uma inquirição epistemológica ou histórica da hierarquização das ciências, mas remete a uma conexão com o aspecto social do seu tempo, ou seja, a desordem que se instalara na França, após a Revolução. Saindo da atividade política para a proposição teórica, Comte delinea a ciência social positiva, capaz de solucionar os problemas decorrentes da anarquia instaurada no período pós-revolucionário, como estado privilegiado, ápice de um sistema integrado de conhecimento científico.

Ao estudar as ciências e sua hierarquia, Comte menciona, por exemplo, que uma das condições de existência da sociedade humana é a permanência das diversas harmonias químicas essenciais entre o homem e as circunstâncias exteriores fundamentais.

Exemplos que ressaltam a importância da fundação de uma ciência social positiva podem ser encontrados em diversas passagens nas obras de Comte. O fundamental, no entanto, é realçar a noção de *submissão* de uma ciência à outra, sem a qual a noção de ordenação, organização e harmonia do grande sistema desenvolvido por Comte poderia ser abalada, favorecendo a predominância do estado anárquico. Ao desenvolver essa concepção hierárquica de ciências, ele acredita ter descoberto o remédio para todos os males da sociedade desorganizada: a legitimidade da ciência confere aos cientistas, conhecedores das leis da natureza, em primeiro lugar, poder de reorganizar a mente de toda a humanidade, fundamentando, em um momento subsequente, a implantação do projeto de reestruturação da esfera política ou prática.

Nesse momento da vida do autor, a questão operária ganha centralidade. Segundo ele, o advento do período industrial, correspondente ao poder temporal no estágio metafísico, faz com que a indústria deixe de se guiar pelas teorias empiristas, no que se refere à questão

⁸⁴ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Libraires-Éditeurs, T. I, L. 2, 1830. p. 96-97. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

social⁸⁵. O tipo de organização industrial sustenta-se em bases conflituosas entre empregadores e trabalhadores, dados seus interesses antagônicos. De acordo com Comte, esse conflito resulta da incapacidade de obter a submissão espontânea dos operários⁸⁶. Os empregadores submetem os trabalhadores a uma forte opressão, enquanto os trabalhadores se manifestam contra os patrões, particularmente devido ao viés ocasionado por teorias utópicas, que estimulavam a continuidade da revolução. As teorias utópicas mencionadas são as saint-simonianas, fourieristas e proudhonianas, fortemente difundidas na França.

A relevância dada por Comte à submissão fundamenta-se em seu desejo de enquadrar todos os indivíduos e elementos em um único grande sistema, que dependesse de todos para garantir seu bom funcionamento. Como o aperfeiçoamento da humanidade é empreendido da teoria para a prática, justifica-se o plano teórico da sistematização enciclopédica das ciências, um movimento natural de obediência a leis gerais, a ser imitado no plano temporal ou prático, por exemplo, na organização industrial.

O grande sistema enciclopédico pensado por Comte no *Curso de filosofia positiva* tem, por isso, o objetivo de agregar todos os seres e elementos, naturais e artificiais, no sistema de organização hierárquica estabelecido por ele. A teoria dos três estados, em sua concepção epistemológica e histórica, circunscreve o lugar de cada ciência na hierarquia do saber.

Antes de analisar o advento do social como teoria positiva, que daria fim à revolução anárquica, eliminando as concepções teológicas e metafísicas, é importante para o entendimento de Comte partir da ciência que a antecede, a biologia ou ciência da vida, que prepara a regeneração final.

2.1 A biologia: uma linguagem racional e sistematizadora do corpo humano

Ao ser criado por Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet (Chevalier de Lamarck), o termo Biologia, estudo dos “seres vivos”⁸⁷ ocasiona uma mudança de enfoque em análises feitas nessa área do conhecimento. A classificação “seres vivos” permite que essa classe de

⁸⁵ Uma das causas das desavenças entre Comte e Saint-Simon é a questão da orientação dos problemas sociais. Enquanto Saint-Simon se orientava respaldado em teorias de ordem econômica e empírica para solucionar os problemas sociais, Auguste Comte se direcionava para teorias de caráter “cientificista”, já que o problema social da humanidade seria de caráter espiritual ou teórico e não apenas de ordem material, temporal, prática, ou empírica (PETIT, 1999, p.15-16).

⁸⁶ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.VI, L. 57, 1842. p.380. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

⁸⁷ LAMARCK. **Philosophie Zoologique**. [S.l. : s.n.], 2010. p.xviii. Disponível em: <www.lamarck.net>. Acesso em: 12 jan. 2010.

seres seja vista de modo mais amplo e complexo, estendendo-se para além de classificações dos corpos da natureza em vegetal e animal. Ou seja, a ciência biológica é designada como o estudo do “ser vivo”, entendido como organismo portador de uma estrutura, e não mais como corpo bruto da natureza⁸⁸.

A criação do termo, Biologia, provoca uma série de mudanças nas abordagens de estudo do homem e Auguste Comte, já em 1822, no seu *Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade*, estabelece vínculos de seus estudos sobre a sociedade com a biologia. Até então, a biologia é denominada por ele de *fisiologia* e a sociologia ainda é chamada de *física social*. Comte explica que tanto a fisiologia (biologia) como a física social (sociologia) se diferenciam da astronomia e da física por serem, as primeiras, ciências voltadas ao estudo de corpos organizados e essas últimas, direcionadas para o estudo de corpos brutos. A fisiologia (biologia), estudo de fenômenos particulares de corpos organizados, deve formular “leis precisas e calculáveis”, que sustentariam a constituição da física social (sociologia)⁸⁹.

A biologia e a sociologia são, portanto, ciências contíguas, uma vez que, segundo ele, ambas se dedicam ao estudo do homem. Enquanto a fisiologia se prende a estudos particulares relativos aos indivíduos, a física social define-se por estudos de fenômenos coletivos, ou seja, da espécie⁹⁰. A diferença entre fisiologia e física social é, então, uma questão de número: singular, a fisiologia e plural, a física social.

No curso do tempo, Comte demonstra inúmeras vezes um posicionamento favorável às teorias fisiológicas. Em ensaio de 1828, o *Exame do tratado de Broussais sobre a irritação*, contido no *Opúsculo de Filosofia Social*, Comte menciona a contribuição de François-Joseph-Victor Broussais, importante no combate às teorias, segundo ele, metafísicas, a exemplo da psicologia, cuja pretensão é estudar o espírito humano como uma abstração da consciência, insistindo na divisão metafísica de corpo e alma⁹¹. Nessa obra, Comte concebe a fisiologia como um caminho promissor para a descoberta do *eu* positivo, em bases científicas e racionais, passível de ser observado e comprovado, posicionando-se, definitivamente, em confronto com os psicólogos alemães. A fisiologia permite, segundo o credo comteano,

⁸⁸ LAMARCK. *Philosophie Zoologique*. [S.l. : s.n.], 2010. p.xviii. Disponível em: <www.lamarck.net>. Acesso em: 12 jan. 2010.

⁸⁹ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 123-124.

⁹⁰ COMTE, Auguste. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.126.

⁹¹ COMTE, Auguste. Exame do tratado de Broussais sobre a irritação. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.221-222.

esmiuçar a interioridade do corpo humano, descrever e explicar todos os processos orgânicos, inclusive os movimentos cerebrais responsáveis pela inteligência do homem⁹².

A importância de Broussais para Comte reside na perspectiva antimetafísica do primeiro, demonstrando a impossibilidade de o observador ser o observado, enquanto a psicologia alemã sustenta a introspecção como único meio possível de observar os fatos interiores ou a consciência humana. Ao contra-argumentar, Broussais explica que há dois tipos de sensações: as primeiras, provenientes das vísceras, correspondendo ao cérebro, à fome, aos desejos venéreos, ao frio, ao calor, à dor localizada; as segundas, sensações vagas, como tristeza, alegria, esperança, desespero, horror. Os psicólogos alemães, até então, excluem as sensações vagas, não passíveis de observação empírica, do âmbito de estudos dos fisiologistas. Broussais, ao contrário, confere às sensações vagas um lugar entre os objetos de estudo da fisiologia. Comte situa-se ao lado de Broussais, em favor da fisiologia, ao afirmar que se o homem não pode observar diretamente suas operações intelectuais, ele pode observar os órgãos da inteligência e os resultados de seu funcionamento⁹³.

Comte acredita, então, que uma filosofia do *eu*, se possível, certamente não teria bases metafísicas, como pretendiam os psicólogos alemães, mas se sustentaria em bases positivas, cientificamente observáveis e explicáveis pela fisiologia⁹⁴. Para ampliar essas bases científicas positivas de uma ciência do *eu*, Comte apoia-se em outros teóricos, como Bichat e Gall.

A sustentação da perspectiva fisiológica no estudo do homem requer maior detalhamento de alguns processos particulares da fisiologia. A teoria dos tecidos, formulada por Marie François Xavier Bichat, decompõe o organismo em diversos tecidos, que são a estrutura presente em todos os seres vivos, desde os vegetais até os homens. O tecido é, portanto, um universal na teoria de Bichat, inaugurando uma nova perspectiva anatômica dos seres vivos: os tecidos são a estrutura base; a combinação dos tecidos forma o órgão; e o conjunto dos órgãos constitui um aparelho. Os tecidos de estrutura mais simples são os vegetais, os animais, com uma estrutura de tecidos mais elaborada, vêm em seguida e os seres humanos, por sua vez, possuem tecidos mais complexos do que os dos outros animais. De uma perspectiva geral, essa teoria ainda demonstra a vinculação contínua existente entre os vegetais, os animais e os seres humanos, demarcando a submissão hierárquica dos mais

⁹² BENOIT, Lelita Oliveira. **Sociologia comteana**: gênese e devir. São Paulo: Discurso editorial, 1999. p. 295.

⁹³ COMTE, Auguste. Exame do tratado de Broussais sobre a irritação. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.221-222.

⁹⁴ COMTE, Auguste. Exame do tratado de Broussais sobre a irritação. In: **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.223.

simples aos mais complexos⁹⁵. Bichat viabiliza um grande passo na ciência do homem ao identificar a correlação de tecidos às faculdades ou funções bem delimitadas de cada órgão.

No *Curso de filosofia positiva*, Auguste Comte explora as ideias de Bichat, ao explicar algumas modificações ocorridas nos tecidos animais em relação aos tecidos vegetais. Segundo ele, os tecidos animais, por serem mais elaborados que os vegetais, são os únicos a portar um tecido *muscular* e outro *nervoso*⁹⁶. O tecido muscular corresponde à faculdade da *irritabilidade*; e o tecido nervoso é a base fisiológica da *sensibilidade* interior e exterior do indivíduo⁹⁷.

As idéias de Bichat, além de comprovar a força racional positiva da fisiologia para explicar o homem como ser vivo isolado da espécie, também proporciona um avanço na identificação de características humanas, da irritabilidade e da sensibilidade, anteriormente designadas como metafísicas, ou mesmo sensações vagas, como foi o caso de Broussais⁹⁸. Por esse percurso, pode-se verificar que, para Comte, a filosofia do homem, ou do *eu*, é possibilitada pela fisiologia, pela anatomia, enfim, pela biologia.

Para complementar as noções de Bichat, Comte incorpora a teoria da frenologia, de Franz Joseph Gall. O pressuposto dessa teoria ancora-se em uma noção de que as faculdades fundamentais dos homens são *atividade*, *afetividade* e *intelectualidade*, localizadas no cérebro, cuja anatomia é indispensável pesquisar em profundidade. A partir de estudos da frenologia, o cérebro não é visto mais como um órgão, e sim como um conjunto de aparelhos com diferentes funções, tais como o digestivo, o respiratório, o locomotor, entre outros. A inteligência humana é o aparelho cerebral, ou seja, a soma dos órgãos correspondentes às diversas faculdades⁹⁹.

A maior dificuldade da teoria frenológica é vincular cada faculdade ou função ao local exato no cérebro. Gall evidencia que as faculdades *intelectuais* e *afetivas* são as mais elevadas nos seres humanos, ou, dito de outro modo, são as faculdades propriamente humanas¹⁰⁰. A teoria frenológica apresenta a disposição das funções ou faculdades humanas

⁹⁵ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 41, 1838. p. 495. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

⁹⁶ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 41, 1838. p.524. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

⁹⁷ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 44, 1838. p.711-712. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

⁹⁸ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 45, 1838. p.484. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

⁹⁹ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 45, 1838. p. 820. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

¹⁰⁰ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 45, 1838. p. 835. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

com suas respectivas localizações no cérebro. O cérebro seria dividido em três regiões: frontal, mediana e posterior. A região posterior seria apenas um prolongamento da coluna vertebral, e por isso seria considerada como a base de toda a animalidade, sua função seria a locomoção ou a atividade. A região mediana, e a mais volumosa do cérebro humano, seria encarregada às faculdades afetivas – esta região já seria considerada como humana e não mais simplesmente animal. E finalmente, a região frontal, a mais afastada da coluna vertebral e também a menor porção do cérebro, seria caracterizada como as faculdades humanas intelectuais por excelência.¹⁰¹

Esse caminho teórico, justificado pela legitimidade da ciência, é utilizado por Comte, principalmente no Curso de Filosofia Positiva, supondo o autor que, seguindo por ele, chegaria a estabelecer as leis positivas da inteligência, pois, conforme acredita, o homem, por sua natureza, é um organismo portador de inteligência.

Ao utilizar-se da linguagem racional, asseverando a justeza de estudar a composição do ser humano em bases cientificamente observáveis e explicáveis, Auguste Comte possibilita que a história da civilização seja concebida como uma história natural, segundo leis de operação do bom funcionamento da vida.

A teoria frenológica e sua explicação de funções cerebrais, seja a dos afetos ou da intelectualidade, tira o homem do campo da metafísica e põe em tela suas características científicas ou positivas: conferindo ao homem biológico uma dimensão coletiva, chega-se ao homem social.

2.2 Sociologia: o homem em coletividade

Após a sistematização positiva da ciência biológica, dedicada ao caráter orgânico do homem, resta fundar a ciência positiva do homem em sociedade. Essa ciência é a física social ou sociologia, desejo de Comte que se efetiva na criação da enciclopédia positivista hierárquica.

A grande preocupação de Comte é, então, transformar o social em objeto da ciência, para que a grande tarefa de reorganização pudesse ser enfrentada com êxito. Após emergência de uma ciência biológica positiva, apoiada estritamente na razão, Comte acredita que é chegada a hora de postular a transposição do método positivo para o estudo da sociedade. Além do arcabouço racional, outro aspecto de extrema importância para o autor é o que diz

¹⁰¹ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 45, 1838. p. 834. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

respeito à hierarquização das ciências, segundo uma ordem lógica de desenvolvimento, da generalidade à particularidade e da simplicidades à complexidade. São esses dois aspectos, a linguagem racional cientificamente orientada e a hierarquização sistemática das ciências, que direcionam as explicações da sociologia na grande enciclopédia positivista.

Não é ocioso lembrar que a sociologia deriva necessariamente da biologia. Nesse âmbito, ao estabelecer funções para cada parte específica do cérebro, tais como os afetos e a inteligência, a teoria frenológica de Gall, abre a possibilidade de que essas características também possam ser percebidas em âmbito coletivo, designando o homem como um ser que tem lugar na coletividade, no convívio em sociedade¹⁰².

Ora, se a hipótese de Gall a respeito do caráter natural da inteligência e a da afetividade como atributos do homem biológico se confirma, isso abre caminho para a elaboração de teorias que enfatizam a afetividade como elemento fundador da sociedade¹⁰³.

Os atributos coletivos primordiais da natureza humana são, sem dúvida, decorrentes mais dos afetos do que propriamente da intelectualidade, uma vez que os instintos oriundos do intelecto mostram-se mais propensos ao egoísmo e não ao altruísmo exigido pela sociabilidade humana¹⁰⁴. Este postulado expõe, aparentemente, uma contradição, uma vez que a afetividade, mais próxima da animalidade por se localizar perto da coluna vertebral, não deveria ser mais propícia à sociabilidade que a intelectualidade. Ao aprofundar as explicações de tal postulação, Comte demonstra que, do ponto de vista lógico, não há nela qualquer incongruência.

Reportando-se às funções cerebrais, intelectualidade e afetividade, supostas como características fundamentais e naturais do seres humanos, Comte se diferencia das abordagens contratualistas, tanto de Thomas Hobbes¹⁰⁵ quanto de John Locke¹⁰⁶ que consideram o homem em seu estado de natureza, particularmente egoísta. Comte, ao contrário, acredita que, por natureza, o homem é propenso à sociabilidade, e que o egoísmo, ocorrendo principalmente

¹⁰² COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.IV, L. 50, 1839. p. 539-540. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

¹⁰³ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 45, 1838. p. 833. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

¹⁰⁴ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 45, 1838. p. 781. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

¹⁰⁵ HOBBS, Thomas. Das causas, geração e definição de Estado. In: **Leviatã**. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, v.1, 1988. p.103. (Os Pensadores).

¹⁰⁶ LOCKE, John. Dos fins da sociedade política e do governo. In: **Segundo tratado sobre o governo**. São Paulo: IBRASA, 1963, p.77.

entre os indivíduos mais bem dotados de inteligência, é que põe em risco a sociabilidade natural¹⁰⁷.

Dando sequência a suas proposições, Comte quer a verificação de instintos sociais levada a cabo pela teoria frenológica. A afetividade, característica natural do homem, é a base da argumentação racional que caracteriza a sociabilidade como um instinto social natural da espécie humana. A consequência desse postulado é verificável pela manutenção do pacto social, garantido por sentimentos individuais altruístas e pelo desejo de perpetuar uma coletividade harmônica. O desprezo pelo altruísmo ameaça a existência da união social, levando à possível ruptura do pacto social, portador, no limite, de uma moral de sentimentos altruístas, ou seja, de uma moral de utilidade política, responsável pela obtenção da ordem da sociedade.

Entretanto, é preciso considerar a importância dos instintos pessoais, como o egoísmo, por exemplo, pois eles põem em movimento a própria sociedade. O interesse particular de cada indivíduo em querer manter uma situação sociável e harmônica, é que garantiria a continuidade da sociabilidade¹⁰⁸.

Para Comte, a verdadeira unidade social não pode centrar-se no indivíduo, ou na soma desses. A unidade social básica é a família, condição em que se verifica a saída do homem de sua personalidade para o aprendizado de viver para os outros – “*vivre pour les autres*”.

É neste desapego da personalidade, outrossim, que aparecem as primeiras diferenças de funções, ou as primeiras desigualdades naturais verificadas na sociedade. No interior das famílias, a figura do pai, da mãe e dos filhos, cada qual com uma função distinta a desempenhar, esboça-se uma ordem de distribuição do poder hierárquico: do poder do homem sobre a mulher; do pai sobre os filhos; e do primogênito sobre os outros irmãos. A distribuição das diferentes funções sociais dentro da unidade familiar respeita uma ordem natural, que se replica em outras unidades sociais, como as tribos, as nações, ou qualquer outro organismo social.

Consideradas naturais, as desigualdades entre os homens eram essenciais para o bom ordenamento da sociedade. Seu suporte científico, a teoria frenológica de Gall, legitimava a concepção da desigualdade natural. Fundamentado nessa teoria, Comte acredita que a parte superior-frontal do cérebro da grande massa dos trabalhadores dificilmente se desenvolveria,

¹⁰⁷ COMTE, Auguste. Conclusion Générale du Discours Préliminaire: Religion de L'Humanité. In: **Systeme de Politique Positive**. Paris: Éditions Anthropos, V.I, T.VII, 1969. p.370. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 19 set. 2009.

¹⁰⁸ COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem Humana – primeiro social, depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p.183. (Os Pensadores).

ficando essa população limitada às faculdades afetivas, mais próximas da animalidade. O mesmo aconteceria com as mulheres, caracterizadas essas mais pelo sentimento que pela razão, atributo masculino por excelência. Contudo, o estado de semi-animalidade não é um ponto negativo, segundo a perspectiva da constituição de um corpo social, uma vez que a afetividade é um elemento decisivo para a consecução da “harmonia social”. Mais facilmente verificáveis, as faculdades afetivas e sua expressão sentimental são o elemento aglutinante da sociabilidade humana¹⁰⁹.

A mais humana de todas as faculdades, aquela resultante das funções da intelectualidade, é também a mais difícil de ser detectada, uma vez que são uns poucos privilegiados capazes de desenvolvê-la. No entanto as qualidades dessa classe de privilegiados não são apenas vantajosas para a sociedade, dada a prevalência nelas de egoísmo e personalismo. De acordo com essa classificação, o homem é o mais adequado a funções administrativas, qualquer que seja o tipo de unidade social; e a mulher, mesmo sendo inferior ao homem, é essencial ao trabalho de organização da vida em sociedade, por ser ela detentora das faculdades afetivas, responsáveis pela coesão da sociabilidade humana¹¹⁰.

Ao trilhar o caminho que Comte percorreu na construção da grande enciclopédia positivista, principalmente no que tange à Biologia e à Sociologia, pode-se evidenciar que a submissão espontânea é a base de sustentação de uma história da humanidade. A submissão, seja de uma ciência em relação à outra, da mulher ao homem, ou ainda, do proletário ao patrão, é essencial para a obtenção da ordem, o que vai de encontro a concepção iluminista, como em Condorcet, segundo a qual a história é um processo de conquista da liberdade e da igualdade. Levando à desorganização e à anarquia, a concepção da metafísica iluminista incita à ruptura das regras de bom funcionamento da sociedade.

A finalidade do empenho comteano é provar a necessidade de organização do plano espiritual ou teórico, por meio da criação de uma nova enciclopédia, orientada por princípios positivos, e não por abstrações metafísicas, seja dos filósofos iluministas ou dos psicólogos alemães. Tal empreendimento vale-se da utilização de um tipo de linguagem marcadamente racional, que remete à necessidade de universalização e hierarquização dos saberes científicos, visando a criar seus próprios parâmetros de funcionamento.

Cabe indagar, neste ponto, entretanto, se Comte se deixa orientar exclusivamente pela linguagem da razão.

¹⁰⁹ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 45, 1838. p. 571-572. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

¹¹⁰ COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 45, 1838. p. 573. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

2.3 A linguagem da religião

Nas lições de biologia e de sociologia a idéia central destacada por Comte é a noção de ordem, subsumida em harmonia ou consenso. Por conseguinte, uma vez que a desordem não pode resultar em progresso, é de extrema importância reorganizar o plano espiritual, com a criação de uma nova enciclopédia positivista e de uma religião capaz de difundir os princípios positivistas de ordenação entre a massa popular.

A religião positivista, tal como proposta por Auguste Comte, tem um caráter eminentemente moral, e sua finalidade é inculcar na massa popular as idéias teóricas de ordem e submissão, as mesmas que contidas na Grande Enciclopédia. Contudo, a difusão dessa noção de ordem entre os proletários e as mulheres dificilmente obteria sucesso, se feita por via dos ensinamentos puramente teóricos da enciclopédia, uma vez que eles, proletários e mulheres, eram ambos desprovidos de capacidade intelectual mais elaborada. No entanto, eram justamente os proletários e as mulheres os responsáveis por manter a harmonia social, ou até mesmo a sociabilidade humana, uma vez que eram portadores de afinidades naturais com os afetos. Se os afetos são os elementos fundadores da sociedade, a adesão desses grupos às idéias positivistas é de extrema importância, e o melhor caminho para atingir essa massa, composta principalmente por proletários e pelas mulheres em geral, é pelo caminho do coração, não o da mente. Auguste Comte argumenta que para chegar ao coração dos proletários e das mulheres, em lugar de ensinamentos teóricos enciclopédicos deve-se ensinar a Religião da Humanidade.

A primeira manifestação de Auguste Comte em prol da criação de uma religião que tivesse como preocupação principal os ensinamentos da ordem, elemento preponderante para manter a unidade social, aparece ainda no período em que ministra cursos populares, cujo objetivo é difundir entre os proletários os conhecimentos da enciclopédia positivista. Esses cursos gratuitos são ministrados por meio da *Associação Politécnica*, que pretendia ajudar o governo francês a difundir o conhecimento científico entre a classe operária. O curso oferecido por Comte intitula-se “astronomia elementar” e seu objetivo é demonstrar a existência de leis naturais que ordenam o viver coletivo de toda a espécie humana. Comte acredita que a astronomia facilitaria aos alunos a identificação da existência de uma

ordenação hierárquica, superior a qualquer intervenção humana, raciocínio que deveria despertar nos alunos o sentimento da invariabilidade da ordem social¹¹¹.

A vontade de respeitar as leis de organização, supostas naturais, seria essencialmente positiva para a perpetuidade e harmonia da sociedade, e tal reconhecimento levaria a população a deixar de lado o movimento retrógrado e metafísico da teoria revolucionária, em prol de uma noção de unidade social permanente.

Desde 1847, Comte trocara a ênfase nos ensinamentos de astronomia pelos de história, por acreditar que para a classe proletária é mais fácil deduzir a moral da história do que da astronomia. A expressão *Religião da Humanidade* é mencionada pela primeira vez em seu curso popular, em 1847. Neste, Comte discorreu sobre a questão feminina, caracterizando-a como exemplo de afetividade e submissão, por isso mesmo personificando a própria Humanidade. O curso popular, devido aos acontecimentos revolucionários franceses de 1848, teve que ser encerrado¹¹², mas a instituição concreta da igreja positivista segue como centro de suas proposições.

O projeto da *Religião da Humanidade* é retomado após os acontecimentos de 1848, e ganha relevo expressivo nos quatro volumes do *Sistema de política positiva*, publicado entre 1851 e 1854, e no *Catecismo positivista*, publicado em 1852¹¹³. Comte percebe que aquele momento vivido pela França, principalmente o golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, é propício para a publicação de uma obra de característica mais didática e de conteúdo mais espiritual. Comte aprova, em parte, o referido momento político por ter abolido o regime parlamentar e inaugurado a ditadura republicana, que ele aconselhava à França, desde 1847¹¹⁴. O ponto principal de argumentação é a necessidade da criação de uma doutrina que possibilite o desenvolvimento das virtudes humanas, pessoais, domésticas e cívicas, sintetizando o posicionamento altruísta da sociedade. A instituição de tal doutrina requer a condensação e a popularização do positivismo e, por isso, Comte opta por interromper por algumas semanas a escrita do *Sistema de política positiva* para escrever o *Catecismo positivista*¹¹⁵.

O *Catecismo positivista* é redigido em forma de diálogo entre um sacerdote e uma mulher. A opção por esse formato deve-se à crença comteana na relevância do ouvinte, pois um monólogo limita-se à formular concepções, enquanto o diálogo implica comunicação,

¹¹¹ BENOIT, Lelita Oliveira. **Sociologia comteana: gênese e devir**. São Paulo: Discurso editorial, 1999. p. 362 – 363. Ver nota 2.

¹¹² ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. **Auguste Comte**. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 13.

¹¹³ A datação das obras podem ser conferida nos manuscritos disponíveis no site <<http://gallica.bnf.fr>>

¹¹⁴ COMTE, Auguste. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 69. (Os Pensadores). Ver nota 7.

¹¹⁵ COMTE, Auguste. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 69. (Os Pensadores).

facilitando a transmissão doutrinária. A forma estilística do *Catecismo positivista* dota a obra de uma configuração didática e catequética, favorecendo a difusão dos ensinamentos do positivismo¹¹⁶.

Buscando melhorar a pedagogia do *Catecismo positivista*, Comte personaliza o interlocutor, escolhendo a angélica Clotilde de Vaux, que representa os melhores anseios da sociabilidade, em virtude de características altruístas da afetividade e não da intelectualidade egoísta de sua personalidade. Além disso, trata-se de uma mulher de trinta anos, aproximadamente, idade ideal para receber os ensinamentos, devido a sua maturidade. A escolha de uma figura feminina, não é aleatória, pois ele considera as mulheres mais propensas ao sentimento e à obediência do que os homens¹¹⁷, conforme anteriormente exposto¹¹⁸.

A difusão do novo ensino religioso feito por mulheres é uma escolha estratégica de Auguste Comte, uma vez que mulheres são, ao mesmo tempo, esposas e mães da classe trabalhadora, ocupando, sem dúvida, um lugar de destaque na sociedade moderna, o de educadora universal, influenciando diretamente os trabalhadores industriais¹¹⁹. Conquistar os corações da classe operária é um dos objetivos da religião positivista, uma vez que o advento do período industrial possibilita que eles se constituam como uma classe de expressão numérica significativa. No esquema comteano, os proletários são responsáveis materialmente pelo sustento da mulher, liberando-a totalmente para dedicar-se às questões do coração. Caso contrário, a mulher cairia na desolação moral, ou se submeteria à miséria ou à prostituição. A mulher, síntese dos sentimentos altruístas, deve ter suas exigências materiais e morais atendidas para que ela possa cumprir com dignidade suas funções na sociedade.¹²⁰

Clotilde de Vaux se não foi exatamente a causa de Comte passar a enfatizar o elemento sentimental em detrimento do intelectual, ao menos potencializou o empenho deste em complementar o seu grande sistema filosófico positivista, ao criar a Religião da Humanidade. Este período, caracterizado por uns como sendo de influencia de Clotilde de Vaux, foi caracterizado pela guinada do elemento feminino sobre o masculino no processo de evolução social. No *curso de filosofia positiva*, sua posição em relação à mulher condicionava-a para um status inferior ao homem, por situá-la como representante das características frenológicas dos afetos, condição esta, menos humana do que a

COMTE, Auguste. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 70. (Os Pensadores).

¹¹⁷ COMTE, Auguste. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 74-75. (Os Pensadores).

¹¹⁸ COMTE, Auguste. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 71-72. (Os Pensadores).

¹¹⁹ COMTE, Auguste. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 76. (Os Pensadores).

¹²⁰ COMTE, Auguste. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 77. (Os Pensadores).

intelectualidade, a qual teria como representante os homens. Mas a partir do *Sistema de filosofia política*, podemos perceber uma reviravolta nesta disposição das faculdades cerebrais como contribuintes da formação dos processos sociais. O elemento dos afetos se torna essencial na composição de uma sociedade, uma vez que não existe sociedade sem sociabilidade. Os homens por terem em si ressaltados como características humanas a inteligência egoística seriam desfavorecidos nesta empreitada de reorganização social.

É evidente a influência de Clotilde de Vaux, quando ele afirma que

Graças a ela [Clotilde de Vaux] tornei-me, enfim, para a humanidade um órgão verdadeiramente duplo, como aquele que experimentou de modo digno o ascendente feminino. Sem ela nunca eu teria podido fazer suceder ativamente a carreira de São Paulo à de Aristóteles, fundando a religião universal sobre a sã filosofia, depois de ter tirado esta da ciência real (COMTE, 1988, p. 71)¹²¹.

Além de demonstrar a influência de Clotilde de Vaux sobre Comte, evidencia-se também que a fase religiosa do autor não necessariamente se desvincula de sua filosofia inicial, científica ou racional, assinalando, antes, a interligação das duas fases.

O diálogo entre o sacerdote e a mulher representa, respectivamente, o papel do espírito e do coração em uma grandiosa empreitada de moralização do mundo moderno, principalmente de reorganização da vida social e moral da população, no cenário anárquico da França, nos anos de 1848. A coligação catequética do masculino com o feminino, respeitada a contribuição específica da natureza de cada um, delimita com mais precisão o diálogo estabelecido. Enquanto o homem se direciona aos cuidados do espírito, a mulher se volta para as questões do coração, de modo que o coração proponha questões e o espírito as resolva. Por conseguinte, o homem pensa sob inspiração da mulher¹²².

No início do catecismo positivista, a mulher indaga ao sacerdote sobre o sentido radical da palavra religião, uma vez que para ela não faz sentido utilizar tal expressão para qualificar a doutrina positivista, inclusive por que essa doutrina rejeita qualquer crença sobrenatural. Para esclarecê-la, o sacerdote responde que o vocábulo religião indica antes de tudo um estado de completa *unidade* pessoal ou social, que converge habitualmente para um destino comum, de modo a promover a síntese espiritual universal. Assim, a religião consiste em *regular* cada natureza individual e em *congregar* todas as individualidades segundo uma lei comum, com a intenção de obter consenso harmônico universal, o que não é possível sem

¹²¹ COMTE, Auguste. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 71. (Os Pensadores).

¹²² COMTE, Auguste. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 74. (Os Pensadores).

a religião positivista. A felicidade humana se sustenta, sobretudo, na maior aproximação possível dessa unidade, de maneira que o desenvolvimento gradual desta se evidencie no verdadeiro aperfeiçoamento, pessoal e social. De modo geral, a religião positivista, explica o sacerdote, é um sistema qualquer de opiniões diversas, caracterizando a união de todas as crenças e religiões antagônicas que, até então, diluíam-se em opiniões anárquicas presentes em toda a Europa¹²³. Ao postular a unidade social, voltada para a obtenção de consenso universal, como pré-requisito da felicidade e do aperfeiçoamento pessoal e social, a religião positivista torna-se a religião de toda a humanidade.

Após esse breve esclarecimento do sacerdote, a mulher trata de questionar a aparente confusão da religião, dependente do coração e do espírito ao mesmo tempo. O sacerdote responde, apoiando-se na etimologia da palavra religião. Nesse sentido, a palavra religião caracteriza-se por uma dupla ligação: *ligação* ao interior pelo amor e *religação* ao exterior pela fé. São essas, em geral, as participações necessárias do coração e do espírito na exposição sintética dos ensinamentos do catecismo, em nível individual ou coletivo¹²⁴.

A unidade interior é caracterizada pelas funções cerebrais da inteligência, dos afetos e da atividade. A unidade supõe, antes de tudo, a submissão da inteligência e da atividade ao sentimento, de modo a coordenar a harmonia humana. No entanto, a unidade interior não garante sozinha a harmonia universal completa. A inteligência deve completar esse movimento, fazendo com que o ser humano reconheça uma potência superior que a tudo submete, garantindo a harmonia moral, individual ou coletiva. Portanto, o exterior tende a *regular* o interior, e o interior, operando a coordenação dos afetos, *congrega* todas as informações provenientes do exterior. Assim, as duas condições gerais da religião, ligar e religar, são naturalmente conexas, inclusive quando a ordem exterior pode tornar-se objeto do sentimento interior¹²⁵.

Dando sequência ao esquema de perguntas do coração e respostas do espírito, a mulher questiona o sacerdote sobre os instintos pessoais egoístas e seu poder de dificultar o desempenho da unidade interior. Ante tal indagação, o sacerdote responde que esse é o principal problema humano, tornando imperioso entender que a unidade moral interior reside sobre duas bases opostas, a egoísta e a altruísta.

¹²³ COMTE, Auguste. Primeira Conferência: Teoria geral da religião. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 85 - 86. (Os Pensadores).

¹²⁴ COMTE, Auguste. Primeira Conferência: Teoria geral da religião. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 87. (Os Pensadores).

¹²⁵ COMTE, Auguste. Primeira Conferência: Teoria geral da religião. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 87. (Os Pensadores).

A unidade interior de bases egoístas, embora de caráter anti-social, é, outrossim, fundamental para a preservação da vida, garantindo a satisfação de necessidades instintivas. Para não desequilibrar os aspectos pessoais e sociais da natureza humana, é mister que a base interior egoísta, oriunda do coração e marcada por impulsos de orgulho, vaidade e cobiça, seja subordinada aos afetos coletivos exteriores. A existência solitária, dominada por afeições pessoais, torna a busca da unidade moral algo impossível, uma vez que os instintos egoístas impedem o desenvolvimento dos instintos coletivos de viver para outrem¹²⁶.

A unidade interior altruísta pende para a conservação da espécie humana, ou seja, visa à continuidade da sociedade, distinguindo-se da unidade egoísta. Uma vez que atende por si mesma às prerrogativas da lei de *viver para outrem*, ela não requer submissão à exterioridade. Para que prevaleça a sociabilidade sobre a personalidade, o caminho é a religião positivista, como expõe Auguste Comte, ao mencionar que os seres humanos por si sós são incapazes de submeter instintos pessoais egoístas a objetivos altruístas da coletividade¹²⁷.

2.3.1 Religião da Humanidade

A religião positivista tem como Grande Ser a Humanidade¹²⁸. É uma religião de base eminentemente concreta e observável, livre de pretensões quiméricas e metafísicas. A humanidade, para Comte, é o conjunto de seres humanos, passados, futuros e presentes, merecedores de assimilação, cuja atividade no mundo se define pela cooperação em benefício da humanidade. Evidencia-se, então, que a humanidade não compreende todos os seres humanos, mas aqueles que atuam em prol de uma existência comum, restando aos outros a permanência em um estado parasitário, não sendo merecedores de enquadramento na humanidade propriamente dita¹²⁹.

Dois aspectos importantes podem ser ressaltados dessa proposição. O primeiro diz respeito à distinção que Comte estabelece entre humanidade e espécie humana; o segundo reporta-se à temporalidade, quando faz com que a solidariedade ultrapasse o presente,

¹²⁶ COMTE, Auguste. Primeira Conferência: Teoria geral da religião. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 88. (Os Pensadores).

¹²⁷ COMTE, Auguste. Primeira Conferência: Teoria geral da religião. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 88. (Os Pensadores).

¹²⁸ COMTE, Auguste. Primeira Conferência: Teoria geral da religião. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 91. (Os Pensadores).

¹²⁹ COMTE, Auguste. Segunda Conferência: Teoria da Humanidade. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p.97. (Os Pensadores).

prolongamento temporal que identifica a Santíssima Trindade da Religião da Humanidade, conjunto de todos os homens benfeitores, mortos, vivos e não nascidos¹³⁰.

Retomando os elementos femininos, Comte retrata a Humanidade como sendo uma mulher de 30 anos com seu filho nos braços (ver anexo 1). Essa representação da Humanidade, ligada diretamente à figura de Clotilde de Vaux, simboliza o máximo de altruísmo e o mínimo de egoísmo, a maior ternura e a maior pureza, pré-figurando um tipo de virgem mãe¹³¹. A Humanidade pura e feminina, concebida por Comte, apresenta alguns elementos importados da *Divina Comédia*, principalmente ao remeter aos versos de Dante Alighieri, *Vergine-Madre Figlia del tuo Figlio*, atribuindo à Humanidade um novo sentido, ou seja o da humanidade virgem, não fecundada por força externa a si mesma. A humanidade é, portanto, filha de seus filhos, e não uma entidade estranha¹³², um ser sagrado inviolável, virgem que se auto-reproduz, gerando os seres humanos e sendo por eles gerada, muito semelhante ao fenômeno da partenogênese, que se refere ao crescimento e desenvolvimento no órgão feminino de um embrião sem fecundação¹³³.

A Religião da Humanidade é, contudo e ao mesmo tempo, sagrada e secular. Sua dimensão sagrada é expressa na figura pura, virgem e intocável; a secular é evidenciada por seu caráter de religião de base palpável, observável e depurada de quaisquer aspectos da metafísica. Esse modelo de religião, tornando a Humanidade o elemento central, possibilita uma significativa mudança no modo de interpretar a religião e a sociedade, imprimindo movimento às esferas do sagrado e do secular, antes percebidas como dimensões opostas e excludentes. O modelo de Comte permite a secularização do sagrado, bem como a sacralização do secular.

Fazendo da Humanidade o elemento central da religião positivista, por um lado, Comte traz a religião para a terra, para o mundo real e observável, ou seja, ele transforma o sagrado em secular, tornando a religião mais próxima dos seres humanos, inclusive daqueles concebidos como menos esclarecidos. Muito mais que uma abstração metafísica, de conteúdo ilusório, a Religião da Humanidade se transforma em algo real passível de observação, uma vez que representa a comunhão de todos os homens em contínua solidariedade no tempo¹³⁴. Portanto, a religião positivista, diferente das outras religiões monoteístas e politeístas que se

¹³⁰ RIBEIRO JÚNIOR, João. **Augusto Comte e o positivismo**. Campinas: Edicamp, 2003. p. 148-149.

¹³¹ RIBEIRO JÚNIOR, João. **Augusto Comte e o positivismo**. Campinas: Edicamp, 2003. p. 122.

¹³² CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: O imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990. p.75-96. Carvalho, José Murilo de. Os positivistas. **A revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 69, jul. 2005.

¹³³ COMTE, Auguste. Primeira Conferência: Teoria geral da religião. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 69. (Os Pensadores).. 1988. p.91.

¹³⁴ RIBEIRO JÚNIOR, João. **Augusto Comte e o positivismo**. Campinas: Edicamp, 2003. p.150.

alicerçavam sobre o devotamento a Deus ou aos deuses, põe em pauta para a humanidade a própria Humanidade. Essa Humanidade, cerne da religião positivista, permite o fim da religião como transcendência, rejeitando a existência de um deus separado e distante da própria humanidade¹³⁵.

Por outro lado, ao contrário do que geralmente pode se pensar, a religião positivista não é destituída de um Ser Supremo, pois reconhece a necessidade de uma força espiritual para atingir sua finalidade. Por isso, um dos trabalhos de Comte é operar a sacralização da esfera humana¹³⁶. Assim, a Humanidade adquire o status sagrado, que os seres humanos devem não apenas respeitar e admirar, mas, principalmente, prolongar por todos os tempos. Todos os seres humanos benfeitores, mesmo os excluídos, proletários e mulheres, por exemplo, são a razão da existência da Religião da Humanidade.

Ao trazer a dimensão religiosa para a Humanidade, Auguste Comte opera a sacralização da sociedade, libertando-se das definições tradicionais de religiões fundamentadas em teodicéia. Tal noção de Humanidade, livre da transcendência das explicações religiosas tradicionais que dotavam de sentido o mundo e a vida dos indivíduos, situa a explicação dos fenômenos sociais, políticos e filosóficos dentro do próprio homem, e não mais em Deus ou em um monarca. Assim concebida, a religião se torna, definitivamente, um espaço secularizado, ou seja, se antes a substância que dotava o mundo de significado estava em “deus” ou em um “ser supremo”, agora essa substância ativa e significativa está na própria ação real e conjunta da Humanidade.

Ao questionar o lugar do religioso, Comte não necessariamente proclama a morte da religião, mas sacraliza outra dimensão, a do próprio homem, situado na esfera secular. Se por um lado, acontece a secularização dos fundamentos, funções e finalidades da religião moderna, por outro lado, acontece a sacralização do ser humano.

2.3.2 O Modelo racional da Religião da Humanidade

A fim de explicar a existência geral da Humanidade, Comte propõe uma nova interpretação, na qual a teoria de Gall sai dos limites de sua aplicação a indivíduos isolados, chegando aos grupos sociais, identificados como órgãos coletivos de uma Humanidade, o

¹³⁵ CARVALHO, José Murilo de. Os positivistas. **A revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 69, jul. 2005.

¹³⁶ RIBEIRO JÚNIOR, João. **Augusto Comte e o positivismo**. Campinas: Edicamp, 2003. p.168-169.

Grande Ser, dirigido pelo *sentimento*, esclarecido pela *inteligência* e sustentado pela *atividade*¹³⁷.

A classe ativa é a dos patrícios, responsáveis por sustentar e dar suprimentos materiais e nutritivos necessários à sobrevivência da humanidade. Sem o sustento proporcionado pela classe ativa, as outras classes, representantes do sentimento e da inteligência, estão fadas à degeneração, impossibilitadas de promover o progresso humano. Os patrícios têm como fonte inicial de suas atividades os sentimentos pessoais, que imprime a essas um caráter profundamente egoísta. Mas a transformação gradual, resultante do desenvolvimento coletivo, pode transformar os sentimentos egoístas em altruístas. O entendimento da constituição geral da ordem social requer a decomposição da classe ativa em dois elementos opostos e distintos. O primeiro deles é o impulso prático, ligado à personalidade egoísta, representante da continuidade; o segundo é uma reação social que o nobilitaria cada vez mais, orientado para a solidariedade. Todo o impulso prático emanado do patriciado deve render poderosas reservas nutritivas, visando à continuidade da Humanidade, por via de laços de solidariedade¹³⁸.

Pode-se perceber, então, que o modelo de religião proposto por Comte comporta argumentos favoráveis ao processo de acumulação do capital, desde que este garantisse a condição fundamental da atividade contínua da Humanidade¹³⁹.

As mulheres, representantes da classe afetiva, possuem as qualidades mais elevadas para oferecer os primeiros ensinamentos aos seres humanos, quando ainda situados no seio familiar. Sua vida, por isso mesmo, deve ser um exemplo de moralidade, garantidora de um desempenho sem degeneração ou desvirtuamento. Auguste Comte acredita que a classe dos patrícios deve sustentar materialmente, também, a classe afetiva, de modo que esta fique totalmente voltada a sua função primordial, alheia à atividade. Os afetos, característicos dessa classe, favorecem o desenvolvimento da vida contemplativa, tornando as mulheres propensas à aceitação digna das condições que lhes são impostas, a fim de trabalhar pela consecução do bem comum. Portanto, é por via dos afetos, expressos como veneração e bondade, que as mulheres naturalmente são dispostas à sociabilidade Humana¹⁴⁰.

A classe intelectual é representada pelos sacerdotes, responsáveis por cuidar da vida espiritual de toda a Humanidade, distinguindo-se da classe ativa, voltada à vida temporal. Ou

¹³⁷ COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem humana: primeiro social depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p.183. (Os Pensadores).

¹³⁸ COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem humana: primeiro social depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p.183. (Os Pensadores).

¹³⁹ COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem humana: primeiro social depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p.183. (Os Pensadores).

¹⁴⁰ COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem humana: primeiro social depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p.183. (Os Pensadores).

seja, enquanto os patrícios ficavam com os encargos práticos, os sacerdotes se ocupavam da vida teórica. A partir do momento em que a atuação do sacerdote é direcionada à teoria, visando à Humanidade, seu trabalho torna-se pedagógico, complementar ao da mulher, exercido no seio familiar. Dirigindo a atenção à composição estrutural do *Catecismo positivista*, pode-se entender melhor a atuação pedagógica do sacerdote para com a catecúmena. Enquanto a catecúmena indaga sob os impulsos do coração, o sacerdote aconselha no que diz respeito à vida espiritual. A função dos sacerdotes restringe-se ao âmbito do aconselhamento, sem nenhuma pretensão de comando temporal. Trata-se de uma atuação de extrema importância, porque, é bom lembrar, a reorganização da sociedade, conforme Comte, inicia-se na dimensão teórica ou espiritual, para apenas em um segundo momento expandir-se para a esfera prática ou temporal. Apenas os patrícios são designados à função de comando, uma vez que se voltam para a vida prática.

Auguste Comte complexifica a composição da Humanidade ao dizer que esta é composta por três tipos de associações, das quais cada uma teria em si ressaltadas as características frenológicas, apontadas por Gall. A *família*, sociedade íntima e restrita, é a base das outras duas associações, e seu elemento natural é o amor¹⁴¹ que, por sua vez, não pode fundar-se em sentimentos pessoais egoístas, mas sim em sentimentos sociais altruístas (ver anexo 2 – quadro das 18 funções cerebrais).

A outra associação, vinculada às características cerebrais da atividade, é a *cidade* ou *Pátria*, cujos laços sociais resultam de uma cooperação mútua de toda a Humanidade, submetendo, inclusive, os laços familiares aos objetivos maiores da cidade ou da Pátria. Entretanto, não necessariamente os instintos da cidade e da pátria são exclusivamente um bem, pois o sentimento patriótico, às vezes, se expressa em guerras violentas entre nações¹⁴², o que não contribui para o desenvolvimento universal da Humanidade, a não ser da perspectiva do acúmulo de riquezas para o suprimento material da sociedade.

Apenas a última forma de associação, a *Igreja*, representando os poderes intelectuais do sacerdote, pode comportar uma verdadeira universalidade, tal como pretende a religião positivista. Ligando os homens pela fé, a Igreja positivista, universal e consistente é o único meio de controle capaz de diminuir a violência, associada às práticas das cidades e das pátrias.

¹⁴¹ COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem humana: primeiro social depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 186. (Os Pensadores).

¹⁴² COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem humana: primeiro social depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 186. (Os Pensadores).

A fé positiva faz emergir a solidariedade, sentimento fiador da continuidade, que deveria, enfim, reinar entre todas as religiões do planeta¹⁴³.

Pode-se afirmar, pelo exposto, que as proposições comteanas apresentam, sistematicamente, os fundamentos biológicos da Humanidade, embasadas na teoria cerebral de Gall, de modo que cada grupo contribui para o aperfeiçoamento da Humanidade de acordo com a sua característica natural¹⁴⁴: a mulher contempla, o sacerdote aconselha e o patriciado comanda¹⁴⁵. Este Grande Ser, a Humanidade, é, por conseguinte, dirigido pelo *sentimento*, esclarecido pela *inteligência* e sustentado pela *atividade*¹⁴⁶.

A sistematização feita por Comte quer demonstrar que a religião positivista não está deslocada de sua concepção enciclopédica racional, como pretendem alguns. A Religião da Humanidade adquire proporções significativas na filosofia positivista, extrapolando os objetivos catequético-didáticos de difusão dos conceitos teóricos enciclopédicos positivistas para as classes populares. Ela deixa de ser meramente um catecismo e se transforma em um Grande Sistema, englobando todas essas preocupações.

O quadro montado por Auguste Comte no *Catecismo Positivista*, designado por ele de “classificação positiva das dezoito funções interiores do cérebro, ou quadro sistemático da alma”¹⁴⁷, expressa as formas possíveis de identificação da unidade tão necessária à Humanidade, assim como mostra o movimento da religião positivista, *ligando* o interior pelo amor e *religando-o* ao exterior pela fé.

As características que representam a unidade interna do ser humano são a sua “alma”¹⁴⁸. Essa interioridade da alma, referida por Comte, está diretamente relacionada ao modelo cerebral proposto por Gall, de modo que a teoria deste permitiria esmiuçar a interioridade do corpo humano, descrever e explicar todos os processos orgânicos, inclusive os movimentos cerebrais. Essa unidade interna do homem, comandada pelo grande aparelho cerebral, é importante para a obtenção da harmonia individual.

¹⁴³ COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem humana: primeiro social depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 186. (Os Pensadores).

¹⁴⁴ A natureza humana seria: afeto, inteligência e atividade.

¹⁴⁵ COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem humana: primeiro social depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 184. (Os Pensadores).

¹⁴⁶ COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem humana: primeiro social depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 183. (Os Pensadores).

¹⁴⁷ COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem humana: primeiro social depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 192. (Os Pensadores).

¹⁴⁸ O positivismo de Auguste Comte era contrário aos posicionamentos dos psicólogos alemães, justificando que se existisse uma unidade interior do homem, esta não poderia ser fundamentada em princípios metafísicos, os quais se respaldavam no método da introspecção. Diante disso, Auguste Comte empreende uma contra-argumentação com respaldo da biologia para justificar a filosofia do *eu* em princípios passíveis de observação e explicação.

A ligação da unidade interior com a unidade exterior da Humanidade segue uma ordem em seu movimento para manter a harmonia. O primeiro movimento é a impulsão interna da parte mediana do cérebro para as demais partes do mesmo, ou seja, dos sentimentos sobre a inteligência e sobre a atividade. Os sentimentos não estabelecem nenhuma ligação direta com o exterior, apresentando apenas as ligações internas¹⁴⁹. Este mesmo movimento pode ser verificado na impulsão exercida pela mulher diante do sacerdote, uma vez que a mulher é a representante dos sentimentos e o sacerdote, da inteligência. Desta maneira, a unidade interior da Humanidade começa a fazer sentido, uma vez que parte da premissa da religião da Humanidade como ligação do interior pelo amor.

A unidade interior, contudo, não garante sozinha a harmonia universal completa, cabendo à inteligência fazer a ligação com a unidade exterior, em um movimento que conduz ao reconhecimento da dimensão externa, e garante a continuidade da unidade da Humanidade. A constatação desse movimento pode ser feita pela atuação do sacerdote, representante das funções naturais da inteligência, ao explicar a religião positivista para a catecúmena. Assim, as duas condições gerais da religião, ligar e religar, se completam, possibilitando a ação do amor para ligar o interior e a disciplina da fé para religar ao exterior.

2.4 A linguagem dos sentimentos

Antes mesmo de mencionar explicitamente a Religião da Humanidade em 1847, em seu curso popular, Auguste Comte, apela para a importância dos sentimentos. Muitos de seus discípulos, a exemplo de Pierre Laffite, Émile Littré e Robinet, até mesmo estudiosos do positivismo no Brasil, como é o caso de Roque Spencer Maciel de Barros¹⁵⁰, costumavam retratar esse período pós 1846, que corresponde à morte de Clotilde de Vaux, como um momento de virada do raciocínio de Comte. Os estudiosos citados sustentam a argumentação segundo a qual, em um primeiro momento, Comte se sustenta em uma linguagem científica e racional, cuja preocupação é sistematizar um modelo enciclopédico das ciências positivas; em um segundo momento, sob influência do amor que sentiu por Clotilde de Vaux, passa a enfatizar o sentimento em detrimento da razão.

Essa abordagem apresenta, entretanto, um equívoco que a compromete, pois não consegue perceber Comte em sua completude. Analisar seu trabalho com base exclusivamente

¹⁴⁹ COMTE, Auguste. Oitava Conferência: Ordem humana: primeiro social depois moral. In: **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 192. (Os Pensadores).

¹⁵⁰ BARROS, Roque Spencer Maciel de. **A evolução do pensamento de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Grijalbo, 1967.

em fundamentos da razão ou do sentimento é não entender a continuidade de seu raciocínio, explicitado em duas linguagens. O sentimento, elemento fundamental para a coesão social, pode ser identificado antes de sua paixão por Clotilde de Vaux. Na lição 45 do *Curso de Filosofia Positiva*, publicado em 1835, por exemplo, Comte remete a estudos cerebrais da composição do homem, um ser biológico dotado ao mesmo tempo de razão e sentimento.

A obra de Comte é, antes de tudo, expressa em uma linguagem de sentimentos que atravessava as proposições racionais e religiosas, apresentadas em sua teoria. O sentimento, além de condição biologicamente natural da Humanidade, como ele aponta em seu modelo enciclopédico racional do *Curso de Filosofia Positiva*, também opera como mola propulsora de todo e qualquer movimento pessoal ou social da religião da Humanidade, desenvolvida no *Catecismo positivista*.

A questão do sentimento, inicialmente assinalado no *Curso de filosofia positiva*, tem um aspecto mais biológico que propriamente sociológico. Nessa obra, Comte se apoia na teoria cerebral de Gall, apontando as características fisiológicas pertencentes ao organismo humano, e, aos poucos, o sentimento vai adquirindo características sociológicas. Na grande Enciclopédia formulada, nos estudos positivos de sociologia, o sentimento é considerado o elemento fundador da sociedade, pois evidencia a dimensão social vinculada diretamente ao altruísmo, e não ao egoísmo.

Contudo, é apenas no *Catecismo Positivista* que é possível entender melhor a arquitetura das explicações sistematizadas de Comte sobre o sentimento. De acordo como ele, os motores afetivos se subdividem em dez categorias: (1) Instinto de conservação do indivíduo, instinto de conservação da espécie ((2) sexual e (3) materno), instinto de aperfeiçoamento ((4) por destruição ou instinto militar, (5) por construção ou instinto industrial), ambição ((6) temporal, ou orgulho, necessidade de domínio, (7) espiritual, ou vaidade, necessidade de aprovação), (8) apego, (9) veneração, (10) bondade, ou amor universal (ver anexo 2). As sete primeiras categorias, pessoais, são motores do *egoísmo* e as outras três, sociais, são motores do *altruísmo* (ver anexo 2).

Dentro dos motores pessoais ou egoístas podem ser encontrados alguns motores vinculados ao *interesse*, como os instintos de conservação e os instintos de aperfeiçoamento. O interesse, em Comte, é identificado como instinto básico de conservação e sobrevivência do homem e da espécie, por exemplo, a necessidade de se alimentar, de reproduzir e de proteger a espécie. Decorre daí que o conceito de interesse está muito mais próximo da necessidade biológica e natural do homem, do que propriamente vinculado às suas características sociais.

Ou melhor, observando minuciosamente o quadro, percebe-se que o interesse está descolado dos motores sociais e altruístas (ver anexo 2).

Entende-se, então, que o conceito de social não traz em si qualquer característica egoísta. Anteriormente, no *Curso de filosofia positiva*, Comte mencionara o sentimento como elemento fundador da sociedade, pondo em evidência a dimensão social, vinculada diretamente ao altruísmo. A percepção do sentimento como chave de entendimento das questões altruístas da sociabilidade humana diferencia a abordagem de Comte das famosas teorias contratualistas de Hobbes e Locke. Se é possível supor uma teoria contratualista em Comte, o pacto social tem que, necessariamente, advir do sentimento coletivo altruísta da sociedade e não do sentimento natural egoísta dos indivíduos. Mas os instintos pessoais, caso do egoísmo, também são de extrema importância, uma vez que eles põem em movimento a própria sociedade. É o interesse particular de cada indivíduo que garante a manutenção de uma situação sociável e harmônica, sustentando a continuidade da sociabilidade.

Para Comte, a verdadeira unidade social não pode centrar-se no indivíduo, ou na soma destes. A unidade social básica de análise é a família, por ser o lugar em que se pode verificar a saída do homem de sua personalidade para o aprendizado de viver para os outros – “*vivre pour les autres*”.

Para consolidar a eficácia do sentimento, vale lembrar a máxima exposta no *Catecismo positivista*: “ligar o interior pelo amor e religar o exterior pela fé”. Essa máxima permite, definitivamente, identificar com clareza a ligação da linguagem racional com a linguagem catequética. A linguagem racional fornece todo o embasamento teórico à linguagem dos sentimentos, e essa atravessa a linguagem catequética, utilizada por Comte. Os impulsos iniciais do cérebro humano têm origem na parte encarregada dos sentimentos ou afetos, não possuindo ligação direta com o exterior, mas apenas com as outras áreas do cérebro, assim como com as vísceras. A ligação do exterior com o interior humano é feita pela inteligência, característica correlacionada ao sacerdote. Completa-se, deste modo, a premissa da religião da Humanidade: ligar o interior pelo amor e religar o exterior pela fé.

Conclui-se que, em Comte, a linguagem racional fornece os pré-supostos¹⁵¹ do desenvolvimento da linguagem catequética da Religião da Humanidade, e a linguagem dos sentimentos, cujo fim é a comprovação dos sentimentos altruístas da sociedade, é a que está

¹⁵¹ O sentimento altruísta é a pré-suposição presente na linguagem da razão do Curso de Filosofia Positivista. E o mesmo permanece nas explicações da Religião da Humanidade de Auguste Comte. Então, podemos dizer que a linguagem da razão fornece os pré-supostos utilizados na sistematização da linguagem da religião. No entanto, o pré-suposto é o sentimento que perpassa toda a obra de Comte. Seria como falar em conteúdo – sentimento – em diferentes garrafas – linguagem da razão e linguagem da religião.

presente em todos os momentos na teoria do autor. Portanto, não é legítimo falar de dois Comtes, mas apenas de um: o filósofo da linguagem dos sentimentos. Então, se este trabalho pretende abordar o positivismo, não poderia ser por outros meios, que não o do positivismo enquanto uma linguagem dos sentimentos.

3 O POSITIVISMO NO BRASIL: DUAS MANIFESTAÇÕES DA LINGUAGEM DOS SENTIMENTOS

O intuito deste capítulo é verificar se os elementos da linguagem do sentimento presentes na teoria de Auguste Comte podem ser percebidos no positivismo brasileiro. A análise limita-se ao período compreendido entre o final do século XIX e o começo do século XX, por ter sido este decisivo na repercussão e na interpretação do positivismo no Brasil. As principais abordagens positivistas neste período foram realizadas por Miguel Lemos, Raimundo Teixeira Mendes, e Luis Pereira Barreto.

A pretendida análise deve, em primeiro lugar, recuperar a idéia comteana de que o sentimento é o elo de ligação entre razão e religião, uma nova chave de entendimento do positivismo, que torna possível questionar as interpretações segundo as quais a obra de Comte é dividida em dois momentos distintos: primeiro o da razão; em seguida, o da religião. Essa perspectiva, entretanto, expõe as fragilidades de sua abordagem, quando se revela, desde cedo, a linguagem dos sentimentos, ligando razão e religião, na obra de Comte.

No Brasil, a divisão repercute, dando-se entre ortodoxos e heterodoxos, principalmente em trabalhos de Teixeira Mendes e Miguel Lemos, que ressaltam a existência de dissidências, apoiadas em perspectivas dicotômicas da obra de Comte.

As interpretações que dividem a filosofia positivista em dois momentos separados são reproduções da divisão feita por Emile Littré, um discípulo e amigo de Auguste Comte. Littré convive com Comte nos momentos em que os estudos do filósofo estão voltados para a formulação da Enciclopédia Positivista, tendo chamado sua atenção, particularmente, a tese de organização do mundo por via da teoria. A aproximação entre eles acontece, portanto, logo após o desentendimento entre Comte e Saint-Simon, e o rompimento se dá no momento em que Comte começa a formular a Religião da Humanidade.

Pierre Laffite, outro discípulo de Comte, aproveita-se da ruptura entre Littré e Comte e se autodenomina ortodoxo, por seguir todos os ensinamentos comteanos, as da razão e as da religião. Percebe-se, então, que a divisão entre ortodoxos e heterodoxos é um prolongamento das perspectivas baseadas na dicotomia razão / religião.

As considerações apresentadas exigem o seguinte questionamento, dirigido às interpretações brasileiras, sustentadas sobre a divisão entre ortodoxos e heterodoxos:

É possível perceber, apesar dessa divisão, a prevalência da linguagem dos sentimentos no positivismo dos autores brasileiros mencionados?

A divisão entre as categorias ortodoxos e heterodoxos foi fortemente empregada pelos representantes da Igreja Positivista, Teixeira Mendes e por Miguel Lemos. Esta versão adquiriu um status de legitimidade por ser uma versão com respaldo institucional da Igreja Positivista, e por ser uma história contada no calor dos acontecimentos do final do século XIX. A versão sustentada sobre a divisão, entre ortodoxos e heterodoxos, foi bem difundida, uma vez que atuação propagandista da Igreja Positivista exercida através de jornais, panfletos e de discursos proferidos em espaços públicos era muito forte. Existiram outros movimentos positivistas que ficaram por muito tempo a mercê da história em virtude dessa versão de Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Em vista desta forte exclusão exercida pela Igreja Positivista, a história de conotação religiosa sempre pareceu ser mais forte em detrimento da científica¹⁵², uma vez que era esse tipo de princípio que podia ser identificado nos folhetos e artigos produzidos por Teixeira Mendes e Miguel Lemos.

A Igreja Positivista ataca os movimentos não institucionais, desqualificando e desautorizando suas perspectivas, ao mesmo tempo em que faz a propaganda de si mesma¹⁵³. Pode se afirmar que a história contada por Miguel Lemos e Teixeira Mendes é uma auto-interpretação interessada, cujo objetivo é assegurar poder na direção do positivismo no Brasil.

A história “oficial” do positivismo brasileiro, na versão de Miguel Lemos, divide-se em duas fases: a primeira, ligada à inserção parcial da obra de Auguste Comte entre estudiosos brasileiros: segunda, a adesão completa à obra, incluindo a Religião da Humanidade¹⁵⁴. A primeira fase é caracterizada pela adesão aos ensinamentos de matemática, incorporados principalmente pela Escola Politécnica, enquanto a segunda, diz respeito à adesão aos ensinamentos da Religião da Humanidade, após a criação da Igreja Positivista, sendo Miguel Lemos e Teixeira Mendes seus primeiros diretores. A divisão do positivismo produzida por Miguel Lemos é uma reprodução da perspectiva dicotômica francesa.

¹⁵² ALONSO, Angela. O Positivismo de Pereira Barreto e o pensamento brasileiro no final do século XIX. **IEA/USP**, São Paulo, v. 09, 1995. p.4. Disponível em:<www.iae.usp.br/artigos>. Acessado em: 03 jul. 2009; ALONSO, Angela. De positivismo e positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. In: TRINDADE, Hélio. **O positivismo: teoria e prática**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.151.

¹⁵³ ALONSO, Angela. O Positivismo de Pereira Barreto e o pensamento brasileiro no final do século XIX. **IEA/USP**, São Paulo, v. 09, 1995. p.10. Disponível em:<www.iae.usp.br/artigos>. Acessado em: 03 jul. 2009; ALONSO, Angela. De positivismo e positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. In: TRINDADE, Hélio. **O positivismo: teoria e prática**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.151.

¹⁵⁴ ALONSO, Angela. De positivismo e positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. In: TRINDADE, Hélio. **O positivismo: teoria e prática**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.151 - 152.

Na versão de Miguel Lemos, num primeiro momento, o positivismo brasileiro é incompleto, semelhante a vertente litreista, por seguir apenas as orientações de cunho racional e científico da teoria de Auguste Comte; e a segunda fase que ocorre apenas quando eles, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, tomam posse dos cargos de diretores da Igreja Positivista, que coloca o positivismo brasileiro em sintonia com as obras completas de Comte, assim como na vertente de Laffite.

De qualquer modo, a ênfase dada à adesão religiosa, como um momento posterior à posse de Miguel Lemos no cargo de diretor do Centro Positivista no Brasil, o torna suficientemente forte e legitimado para propagar sua versão da história do positivismo no Brasil. O problema é que a divisão entre ortodoxos e heterodoxos não necessariamente corresponde à realidade, assemelhando-se mais a uma síntese da biografia de Lemos¹⁵⁵.

A versão de Miguel Lemos vincula a ligação com a orientação laffitista a partir de 1881, momento em que ele passa a ocupar o cargo de presidente da “Sociedade Positivista do Rio de Janeiro”, afirmando que sua conversão às orientações de Pierre Laffite se dão no primeiro ano de sua permanência em Paris (1877), ao decepcionar-se com Émile Littré, que designa como um erudito seco, sem nenhuma ação social. A partir de então, Lemos estreita relações com a corrente de Pierre Laffite¹⁵⁶. Em 1880, na “casa sagrada de Auguste Comte”, na França, recebe o grau de *aspirante ao sacerdócio da humanidade*, fato que legitima sua aspiração à presidência da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro¹⁵⁷. Após tomar posse em 1881, Miguel Lemos modifica a nomenclatura da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro para Centro Positivista Brasileiro ou Igreja Positivista, mais adequado ao novo direcionamento, o de Pierre Laffite¹⁵⁸.

A criação do Centro Positivista Brasileiro se dá segundo uma visão centralizadora, a partir da qual todos os tipos de decisão são submetidos a Miguel Lemos, inclusive o poder de aceitar ou excomungar membros da Igreja Positivista. A denominação Centro Positivista Brasileiro reúne, sob orientação de Miguel Lemos, aspirante ao sacerdócio da humanidade,

¹⁵⁵ ALONSO, Angela. De positivismo e positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. In: TRINDADE, Hégio. **O positivismo: teoria e prática**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.152.

¹⁵⁶ LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.21-22. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD-ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”).

¹⁵⁷ LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.27. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD- ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”).

¹⁵⁸ LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.35. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD- ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”).

todos os confrades positivistas espalhados por várias províncias do Brasil, codificando crenças e condutas de uma totalidade de crenças¹⁵⁹.

Logo após ganhar essa centralidade no positivismo brasileiro, Miguel Lemos começa a envolver-se em uma série de desentendimentos com antigos membros da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, entre eles Luis Pereira Barreto. A atitude cada vez mais autoritária, leva os demais membros da Igreja Positiva a se portar como membros passivos, devido ao receio de represálias. Apenas Miguel Lemos e Teixeira Mendes, são autorizados a apresentar publicamente as posições positivistas a respeito de temas nacionais¹⁶⁰.

Pereira Barreto, no entanto, não aceita as imposições de Miguel Lemos, e continua a escrever e a publicar seus artigos em jornais, principalmente em *A província de S.Paulo*, mais tarde, *O estado de S.Paulo*. A discórdia entre Miguel Lemos e Pereira Barreto chega ao auge após Pereira Barreto enviar à direção da Igreja Positivista dois exemplares de suas obras de aplicação da teoria positivista ao caso brasileiro, *Positivismo e teologia* e *Soluções positivistas da política brasileira*. Essas duas obras, além de apresentar, segundo Miguel Lemos, forte indício de desobediência e desrespeito a sua autoridade, expõem divergências significativas de interpretação em relação à Igreja Positivista. Os pontos discordantes referem-se, basicamente, à concepção de estado positivo no Brasil e aos procedimentos para alcançá-lo.

Com essa situação instalada, Miguel Lemos escreve um artigo em que condena a obra de Pereira Barreto, classificando-a como heresia. O original desse artigo é publicado na *Revue Occidentale* e, posteriormente, transcrito em uma circular da Igreja, na qual ele afirma que

O sr. Barreto, depois de ter aceitado, numa certa época, a obra inteira de Auguste Comte, afastou-se cada vez mais do ponto de vista religioso para cair num vago cientificismo de nosso tempo. Provém isso, creio, da desastrosa influência que exerceu sobre os melhores espíritos e preocupação exclusiva da política do dia-a-dia e uma colaboração demasiado assídua no jornalismo militante (LEMOS, Miguel. 1880, p. 149. *apud* ALONSO, Angela. 2007, p. 156.)¹⁶¹.

¹⁵⁹ LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.35. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD- ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”).

¹⁶⁰ ALONSO, Angela. De positivismo e positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. In: TRINDADE, Hélgio. **O positivismo: teoria e prática**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.156.

¹⁶¹ LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.22. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD- ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”). O artigo foi publicado originalmente na *Revue Occidentale* em 1880. p. 149.

E prossegue:

Sinceramente deploramos esta perda, e não sem um profundo sentimento de tristeza que sou obrigado a constatar hoje o deplorável desvio de um homem, cujo primeiro esforço para fazer conhecer entre nós a doutrina regeneradora fui eu o primeiro a saudar (LEMOS, Miguel, 1880, p. 149. apud ALONSO, Angela, 2007, p. 156 – 157)¹⁶².

Essa publicação sela a excomunhão de Pereira Barreto da Igreja Positivista, uma vez que suas opiniões não são mais consideradas de conteúdo positivista, mas litreístas, e marca o início da radicalização que Lemos imprime ao exercício de seu cargo.

Curiosamente, um retorno ao passado, mostra que a conversão de Pereira Barreto ao Positivismo acontece pela via religiosa, ainda em Bruxelas, por volta de 1860, momento em que Miguel Lemos tinha pouco mais de seis anos de idade. O mais provável é que Pereira Barreto tenha se tornado positivista por influência de uma jovem, chamada Marie de Riblertrop, apresentando a Religião da Humanidade a outros brasileiros que também estudam em Bruxelas, como Francisco Antônio Brandão Júnior e Joaquim Alberto de Mendonça. Em uma viagem que faz a Paris, Pereira Barreto conhece Laffite, com quem passa a trocar cartas, pelo menos desde 1862. Desde então, Pierre Laffite sempre se refere a Pereira Barreto como chefe do grupo de estudantes positivistas de Bruxelas¹⁶³, ou seja, além de ser um adepto da Religião da Humanidade e seguir os direcionamentos de Pierre Laffite, Pereira Barreto é considerado um personagem relevante por aquele representante direto de Auguste Comte.

Portanto, a história oficial do positivismo, contada da perspectiva da Igreja Positivista sob a direção de Miguel Lemos, não é confiável, pois nem Pereira Barreto é litreista ou heterodoxo nem o positivismo brasileiro torna-se laffitista após a criação da Igreja Positivista, sob orientação de Miguel Lemos. Pereira Barreto é, na verdade, quem estabelece a primeira vinculação com Laffite.

Pode-se afirmar então que, no Brasil, várias são as formas de positivismo, mas a versão da Igreja Positivista, a mais difundida, é a mais bem sucedida, passando a ser considerada a representante do positivismo brasileiro. Tomando como referência a versão de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, e supondo-a insuspeita, estudiosos brasileiros reproduzem

¹⁶² LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.22. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD- ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”). O artigo foi publicada originalmente na *Revue Occidentale* em 1880. p. 156-157.

¹⁶³ BARROS, Roque Spencer Maciel de. **A evolução do pensamento de Pereira Barreto**. São Paulo: Grijalbo, 1967. p. 44-45.

a classificação dualista feita por eles, a ortodoxia e a heterodoxia, fortalecendo-a ao longo do tempo, conforme pode-se perceber em interpretações de vários estudiosos do positivismo, a exemplo de José Murilo de Carvalho, em *Ortodoxia positivista no Brasil: um bolchevismo de classe média*¹⁶⁴, obra que torna canônica tal interpretação¹⁶⁵.

Após apontar fragilidades em interpretações dualistas do positivismo, seja razão e religião, ortodoxia e heterodoxia, litreísmo e laffitismo, passa-se à análise das obras de Pereira Barreto e de representantes da Igreja Positivista, tentando capturar nelas as linguagens do sentimento, que, segundo Comte, é um princípio ativo da razão e da religião, mola propulsora da percepção e do entendimento do homem sobre o mundo exterior. O sentimento condiciona a existência e a permanência da sociedade, fortalecendo o altruísmo em detrimento do egoísmo.

A obra de Comte, fazendo dos sentimentos sua estrutura, sua ancoragem teórica, expressa esse fundamento em uma linguagem dos sentimentos, que aparece tanto em sua vertente racional quanto religiosa, conforme explicitado no capítulo 2 deste estudo. Sem a impulsão do sentimento a atividade e a inteligência são inertes.

3.1 Luis Pereira Barreto: da linguagem da razão à linguagem dos sentimentos

Luis Pereira Barreto nasce em Resende, no vale do Paraíba, em 1840, ainda no período imperial, filho do abastado fazendeiro de café Fabiano Pereira Barreto, um influente político da região, e de Francisca de Salles Barreto, prima de seu pai e descendente de uma tradicional família de Guaratinguetá, no Estado de São Paulo.

Aos 15 anos, Luis Pereira Barreto vai para Bruxelas, na Bélgica, para estudar medicina, ocasião em que tem contato com várias correntes filosóficas de pensamento, a exemplo do positivismo. No decorrer de sua atividade intelectual, essas idéias estão fortemente presentes, conforme se verifica em experimentos científicos na melhoria do plantio do café ou em experiências com a viticultura. As ideias positivistas de cunho científico estão presentes também em a *Teoria das Gastralgias e das Neuroses em Geral*, trabalho que apresenta para revalidação do diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1865.

¹⁶⁴ José Murilo de Carvalho mesmo ao identificar os positivistas como um bolchevismo de classe média – por acreditarem num voluntarismo político capaz de imprimir um adiantamento na marcha da história pela ação de uma vanguarda política bem organizada – considerou principalmente a versão histórica do positivismo contada por Miguel Lemos e Teixeira Mendes. CARVALHO, José Murilo de. *Ortodoxia positivista no Brasil: um bolchevismo de classe média*. In: **Pontos e Bordados**: escritos de história política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 189-200.

¹⁶⁵ ALONSO, Angela. De positivismo e positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. In: TRINDADE, Héglio. **O positivismo**: teoria e prática. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.158.

Logo no início dessa obra, é possível perceber a influência que as ideias biológicas de Auguste Comte exercem sobre Pereira Barreto. Antes mesmo de introduzir qualquer problema específico, Pereira Barreto reporta-se à importância de alguns filósofos para o progresso da medicina, nos primeiros parágrafos, como Condorcet, Cabanis, Bichat, Broussais e Gall, cientistas tão caros a Comte, principalmente no *Curso de filosofia positiva*. Pereira Barreto assinala a contribuição de cada um para o aperfeiçoamento da medicina, mas afirma ser Auguste Comte o promotor da síntese da patologia, dando início a uma nova era.

Segundo Pereira Barreto, os princípios positivistas introduzem maior complexidade na explicação da doença. Considerando o homem isoladamente, as teorias médicas sobre a doença são, até então, pobres e insuficientes para produzir diagnósticos e propor intervenções adequadas. São teorias de fundamentação metafísica e, por isso mesmo, não conseguem explicar a totalidade dos fenômenos naturais individuais assim como dos sociais. Para Pereira Barreto, a grande contribuição de Auguste Comte é a formulação da grande síntese, caracterizando o homem como Humanidade. Ao introduzir a noção de Humanidade, Comte amplia o entendimento dos fenômenos naturais, inclusive os correlacionados à doença, que, segundo Pereira Barreto, pode ser mais bem entendida se percebida como doença da Humanidade, ou seja, portadora de passado, presente e futuro, sob a ação constante do meio social, apresentando-se, destarte, em sua totalidade¹⁶⁶. Dizer que a doença tem passado, presente e futuro, significa dizer que a explicação das doenças extrapola os limites de suas causas contemporâneas. A proposição da doença como progressão histórica, inserida em um meio social, possibilita a ampliação do entendimento de seus fenômenos, libertando-a de especulações metafísicas e de diagnósticos parciais.

Na fase da teoria positivista, designada como religiosa, a noção de Humanidade é essencial e demonstra sintonia com a orientação de Pierre Laffite, que, certamente, influencia Pereira Barreto, o que corrobora a impertinência da acusação de Miguel Lemos, afirmando ser Pereira Barreto um heterodoxo ou litteista.

Após eleger o tema da Humanidade como ponto de partida para o melhor entendimento da questão da doença, Pereira Barreto começa a demonstrar uma forte vinculação com a teoria cerebral de Comte. Segundo Pereira Barreto, é de extrema

¹⁶⁶ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.34.

importância entender que os aspectos fundamentais da nossa natureza são a inteligência, o sentimento e a atividade¹⁶⁷, conforme exposto anteriormente.

Diante disso, como se pode classificar Pereira Barreto? Como pode um positivista ser ao mesmo tempo racional-científico e adepto da Religião da Humanidade? É ele um ortodoxo ou um heterodoxo? Um litreista ou um laffitista? Um positivista científico ou um positivista religioso? Provavelmente, a resposta a essas indagações seja deixar de lado as dicotomias e identificar a utilização que Pereira Barreto faz da teoria cerebral, analisando a parte cerebral designada os sentimentos.

Assim como Comte, Pereira Barreto considera os três aspectos fundamentais da natureza humana: a inteligência, o sentimento e a atividade. Segundo ele, a região afetiva é cega em seus movimentos, sem conectividade direta com o mundo exterior, a não ser por intermédio das regiões ativas e da inteligência, que capta o mundo exterior por intermédio dos sentimentos. A inteligência desempenha a função de reorganizar e esclarecer o mundo exterior, cosmológico, social e material, e dos sentimentos emana a inteligência, o desejo de conhecer esse mundo exterior¹⁶⁸. Ou seja, o movimento de apreensão do ser humano sobre o mundo se inicia nos sentimentos. É o sentimento que propõe as questões para o intelecto resolver¹⁶⁹.

Segundo Pereira Barreto,

Os sentimentos se comporiam, segundo a análise subjetiva de Auguste Comte, de 7 instintos egoístas ou pessoais e de 3 altruístas ou sociais. [...] Sem dúvida, parecia impossível, [solucionar um eterno] conflito inevitável de tantos interesses egoístas e opostos. A dificuldade seria grande, imensa; mas o problema da unidade individual e coletiva seria suscetível de solução. Os bons instintos, os impulsos altruístas, não seriam estranhos à natureza humana. [...] Esta simples verdade [teria produzido] uma abalo profundo em todo o mundo sábio, e feito estremecer a teologia e metafísica até em seus últimos fundamentos. É que cada um compreendia vagamente que a descoberta deste sábio modesto, por seu alcance social imediato, era de uma importância muito mais elevada do que a da gravitação de Newton ou a das leis de Kepler. É que todos muito bem pressentiam que sobre ela deviam ser irrevogavelmente assentadas todas as construções políticas futuras. [Seria] essa descoberta que nos permitiria hoje compreender como se podia conciliar os interesses

¹⁶⁷ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de. (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.36.

¹⁶⁸ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de. (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.39.

¹⁶⁹ No *Catecismo Positivista* esse movimento que se inicia no sentimento em direção ao intelecto pode ser identificado na relação da catecúmena ao propor as questões para o sacerdote resolver.

divergentes de nossos instintos pessoais e estabelecer entre eles a harmonia (BARRETO, 1967, p.39-40)¹⁷⁰.

Admitindo a natureza humana, ao mesmo tempo, egoísta e altruísta, essa perspectiva se contrapõe a aquelas de grandes filósofos políticos, como Hobbes, Locke e até mesmo Rousseau. Os dois primeiros concebem a natureza humana como essencialmente egoísta, seja ao tratar o homem como lobo do homem¹⁷¹, ou ao preconizar a necessidade da propriedade privada¹⁷², enquanto Rousseau supõe que o homem no estado de natureza é um ser livre, embora isolado e insociável¹⁷³. Para Comte a natureza humana é constituída por instintos egoístas, e, principalmente, por instintos sociáveis e altruístas, desejosa de união harmônica. Desta maneira, o contrato não significa a saída do homem do estado de natureza, mas sim a continuação deste em seu estado natural social. Portanto, o homem, por natureza, é um ser propenso à sociabilidade. Para Pereira Barreto, essa é mais uma grande contribuição de Auguste Comte, permitindo a inovação da teoria política¹⁷⁴.

A essa noção de homem em seu estado de natureza, ao mesmo tempo egoísta e altruísta, deve-se tributar a possibilidade de conciliação de interesses divergentes. Normalmente, a unidade opera de dois modos, ora egoísta ora altruísta. No primeiro caso, os instintos pessoais e egoístas dificilmente se subordinam aos instintos sociais, de modo que a vida do individuo se esgota entre uma constante e desordenada agitação; no segundo caso, os instintos sociais revelam o prazer da sociabilidade, tornando a conduta cada vez menos egoísta e mais altruísta. Ao subordinar os instintos egoístas aos altruístas, o sentimento passa a requerer a crescente dependência de cada um para com os demais indivíduos¹⁷⁵. Cabe lembrar que, para Auguste Comte, se os instintos egoístas não são tão nobres para o desenvolvimento da sociabilidade, eles são, no mínimo, fundamentais para a preservação da vida, a exemplo dos motores nutritivos (ver anexo 2).

¹⁷⁰ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.39-40.

¹⁷¹ HOBBS, Thomas. Das causas, geração e definição de Estado. In: **Leviatã**. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, v.1, 1988. p.103. (Os Pensadores).

¹⁷² LOCKE, John. Dos fins da sociedade política e do governo. In: **Segundo tratado sobre o governo**. São Paulo: IBRASA, 1963, p.77.

¹⁷³ ROUSSEAU, Jean Jacques. Objeto deste primeiro livro. In: **Do contrato social**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 22. (Os Pensadores).

¹⁷⁴ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.40.

¹⁷⁵ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.40.

Aprofundando o debate sobre a propensão da natureza humana à sociabilidade, Pereira Barreto se apoia nas explicações do quadro sistemático da alma, apresentado no *Catecismo Positivista*, no qual os sentimentos são os responsáveis pelos primeiros impulsos endereçados à inteligência, expressem instintos pessoais ou sociais. Considerando, contudo, que os impulsos pessoais tendem a se submeter aos impulsos sociais, em nome da simpatia da Humanidade, em um estado normal e harmônico são os impulsos sociais que estimulam a inteligência, por via da qual se dá o convencimento da imperiosa supremacia da subordinação ao exterior e à Humanidade¹⁷⁶. Como mencionado anteriormente, cabe à inteligência reorganizar as informações captadas do mundo exterior a fim de prover de sentido a atividade. Resumindo, o movimento da natureza humana é iniciado pelos impulsos do sentimento, principalmente aqueles impulsos sociais, imprimindo seus desejos e dúvidas à inteligência, que, por sua vez, reorganiza as informações do mundo exterior e coloca seus planos em ação através da atividade.

Pereira Barreto, adepto dessa concepção de natureza humana originária dos sentimentos e propensa à sociabilidade, correlaciona as características básicas da natureza humana à ciência biológica médica. Sua pretensão maior na obra *Teoria das gastralgias e das nevroses em geral* é justificar sua perspectiva de doença. Para isso, ele incorpora a questão do meio ambiente, definido como mundo exterior, e o de organismo vivo, definido como indivíduo dotado de sentimento, inteligência e atividade. O movimento executado entre o meio ambiente e organismo vivo exemplifica, segundo ele, exatamente o movimento efetuado pelas três características naturais do ser humano: do sentimento para com a inteligência, e da inteligência para com a atividade no mundo exterior.

Para Pereira Barreto o organismo tem uma tendência a modificar o meio para se adaptar a ele, ao mesmo tempo que o meio também o modifica. Uma mudança operada em qualquer um desses dois elementos, meio ambiente ou organismo vivo, acarreta necessariamente uma modificação correspondente no outro¹⁷⁷. Ou seja, existe o mundo exterior, o meio, que imprime ao organismo humano um estado de coisas, equilibrado ou desequilibrado. Nesse sentido, um meio desequilibrado determina um organismo biológico

¹⁷⁶ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.40.

¹⁷⁷ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.41.

desequilibrado, e um meio equilibrado determina um organismo biológico igualmente equilibrado¹⁷⁸.

O meio do qual fala Pereira Barreto abarca não apenas os fenômenos da natureza, mas também os fenômenos sociais, exercendo os últimos uma considerável influência sobre o organismo vivo, a ponto de modificá-lo completamente. São vários os exemplos dessa influência, entre os quais é importante destacar, acredita o autor, a correlação direta de crises políticas e sociais ao aumento de epidemias e outras doenças, que provocam um mau funcionamento do organismo¹⁷⁹.

Lembrando o caso de populações indígenas americanas, Pereira Barreto enfatiza o estado de perfeita harmonia com o meio em que elas viviam antes da chegada dos europeus. A entrada de um elemento novo no meio causa desarmonia e doenças, que atingem os nativos de modo avassalador.

Um outro exemplo demonstrado por Pereira Barreto reporta ao período da Idade Média. Assim como Comte, Pereira Barreto identifica a Idade Média com preponderante ao fortalecimento da Humanidade enquanto um corpo coeso e unido em volta de alguns valores. A grande aquisição deste período seria a consistência da Igreja Católica ao conseguir reunir todos sob uma mesma comunhão, reprimindo os motores egoístas em prol dos instintos altruístas. Com a supressão dos instintos egoístas, o coração adquiria uma propensão sobre os espíritos e sobre a atividade¹⁸⁰, e assim poderia ser definido um estado de saúde do indivíduo para com os seu meio. Mas este estado de harmonia europeu não perdurou por muito tempo. A partir do século XIII, a unidade católica se submerge à invasão da ciência metafísica, a qual estava completamente em desacordo com a razão moderna. Os métodos abstratos dos metafísicos deixavam os cérebros bem confusos, de modo que não conseguiam reorganizar as informações advindas do mundo exterior. Isso colocou em risco a harmonia entre organismo e meio, uma vez que os instintos egoístas dos intelectuais metafísicos tratavam seus objetos de forma isolada do mundo, seja como um teatro desprovido da realidade ou, então, como um

¹⁷⁸ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.47.

¹⁷⁹ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.43-44.

¹⁸⁰ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.44.

objeto preso em experimentos laboratoriais, não abarcando a generalidade do fenômeno estudado¹⁸¹.

O estado de desequilíbrio entre meio e organismo afeta o bom funcionamento do organismo humano. Se o meio social imprime ao cérebro, mais especificamente à inteligência, informações de crise sociais, essas podem chegar até as vísceras, com quem os sentimentos mantêm constante contato, ocasionando a instabilidade cerebral, por instaurar a dúvida quanto a valores e conceitos tidos como absolutos. A partir dessa instabilidade cerebral, as doenças, caracteristicamente, passam a ser consideradas de origem nervosa. Tal seria a origem das gastralgias¹⁸².

As gastralgias são tipicamente doenças da contemporaneidade, caso em que acontece um desequilíbrio interno entre os instintos pessoais e os instintos sociais. Os mencionados instintos pessoais referem-se a funções de conservação do indivíduo, aquelas voltadas à tarefa da nutrição no processo da digestão. Assim, no momento da digestão é possível verificar uma atuação maior dos instintos pessoais sobre os instintos sociais, situação passageira de perturbação, que em estado normal tende a se estabilizar. Contudo, o movimento desordenado do aparelho digestivo pode até mesmo paralisar-se no momento da digestão, se não conseguir controlar a regulação da atuação dos motores pessoais e sociais¹⁸³.

Então, da relação entre meio e organismo pode advir tanto a saúde como a doença. A doença representa a desarmonia das energias trocadas entre o organismo e o meio exterior, ressaltando que as informações da vida exterior chegam ao organismo pela atividade, cabendo à inteligência, por sua vez, a função de reorganizar essa informação e transmiti-la aos sentimentos. Para garantir o estado de saúde no organismo humano, é essencial, por conseguinte, que os motores sociais prevaleçam sobre a atuação dos motores pessoais.

Nesses moldes, a saúde é o estado de unidade entre o organismo e o meio¹⁸⁴, representando precisamente o bom funcionamento do sentimento para com as vísceras, quer corresponde ao equilíbrio das forças trocadas entre o organismo e o meio.

¹⁸¹ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.45.

¹⁸² BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.47-48.

¹⁸³ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.47-48.

¹⁸⁴ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.41.

3.1.1 Pereira Barreto um positivista no campo da ação

A idéia de influência mútua do meio sobre o organismo e do organismo sobre o meio extrapola as perspectivas médicas para as interpretações de cunho histórico positivista do Brasil. Pereira Barreto concebe a humanidade como um organismo complexo, no qual cada homem é um membro dependente da harmonia coletiva, de modo que, se não houver harmonia neste corpo coletivo, o indivíduo adocece, estado característico das sociedades que se encontram no segundo estágio da história da humanidade, no estado metafísico.

De acordo com Pereira Barreto, a sociedade brasileira acabara de entrar nesse estágio metafísico, cujo caráter é transitório e cuja missão é criticar a teologia e preparar o acesso ao regime positivo definitivo. O que marca a passagem do período teológico para o metafísico são os acontecimentos de 1872, a “questão com os bispos”, pondo em dúvida o poder dos clérigos como responsáveis pelo poder espiritual da nação¹⁸⁵. As discussões geradas pela “Questão Religiosa” deixam a população em dúvida quanto a seus valores, instalando um estado que, de acordo com Pereira Barreto, faz emergir as doenças características da época: as gastralgias e as nevroses. Essas doenças refletem o estado social e moral em que se encontra a população, em uma sociedade na qual a razão egoísta individual prevalece sobre a razão altruísta no plano das relações sociais, expondo a fragilidade de laços sociais, uma vez que falta aos indivíduos o sentimento de coesão, de pertencimento a uma coletividade, qualquer que seja a sua natureza: família, pátria, ou mesmo a humanidade¹⁸⁶.

Ao estudar as moléstias e epidemias que assolam o Brasil, considerando-as como doenças da contemporaneidade, Pereira Barreto contribui para identificar causas sociais na doença, de maneira a não ver o homem isolado em um estudo especializado de laboratório, ou seja, isolado dos fenômenos sociais dos quais é parte.

Em decorrência da perspectiva adotada, a gênese social da doença, Pereira Barreto empreende uma série de campanhas, dentre elas a campanha sanitária, a campanha contra a febre amarela, a campanha da terra roxa, da viticultura, da imigração européia, o melhoramento do café, entre outras tantas, cujo objetivo é o desenvolvimento do Brasil.

Na campanha contra a febre amarela, Pereira Barreto se posiciona favoravelmente à vacinação, ponto este de mais uma divergência com a Igreja Positivista, que condena a

¹⁸⁵ BARRETO, Luis Pereira. As três filosofias: Filosofia teológica. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.140.

¹⁸⁶ BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p.65.

vacinação obrigatória e rejeita a bacteriologia. Pereira Barreto desenvolve uma “teoria hídrica” de transmissão da febre amarela, segundo a qual, inicialmente, identifica a transmissão da doença pela água contaminada. Posteriormente, em estudos realizados na cidade de Campinas, estado de São Paulo, ele abandona a teoria hídrica e conclui que a transmissão da doença é feita pelo mosquito, que se desenvolve em água empossada. É a linha de pensamento seguida por Oswaldo Cruz em suas pesquisas, no mesmo ano de 1904, na cidade do Rio de Janeiro¹⁸⁷. Oswaldo Cruz encabeça pesquisas sobre doenças tropicais que então assolam o país e dirige a campanha sanitária do Rio de Janeiro, no começo do século XX. Uma das ações da campanha sanitária é a decretação da obrigatoriedade da vacinação, em 1904, o que gera um estado de desordem na cidade do Rio de Janeiro, provocando a rebelião de populares contra o que eles consideram uma invasão despropositada de suas casas e de suas vidas, rebelião conhecida como a Revolta da Vacina¹⁸⁸.

Pereira Barreto é favorável à obrigatoriedade da vacinação porque acredita na eficácia da teoria bacteriológica, defendendo a necessidade de erradicar as pestes que impedem o Brasil de caminhar rumo ao desenvolvimento material, social, intelectual e moral. Ele acredita que os benefícios acarretados pelo controle de doenças e pelo avanço da salubridade, são capazes de atrair a imigração europeia para trabalhar em solo brasileiro, favorecendo a implementação de um novo modo de pensar, mudando aos poucos o espírito da nação, rumo ao estágio positivo.

A posição de Pereira Barreto se antepõe, conforme anteriormente explicitado, a aquela dos representantes da Igreja Positivista, para os quais aquilo que não se vê a olho nu é abstração metafísica, do que decorre a inutilidade de vacinas¹⁸⁹.

Outro empreendimento de Pereira Barreto é campanha da terra roxa, terra produtiva essencial para o desenvolvimento do Brasil. A província de São Paulo, de acordo com as teses de Pereira Barreto, é o local onde se concentram as terras roxas, de modo que essa província deve, então, encabeçar a marcha regeneradora do país rumo ao desenvolvimento. Os terrenos de grande valor agrícola, a exemplo do massapé, são mais ou menos, degenerescência da formação roxa, e sua composição química agrícola pode ser facilmente convertida à categoria

¹⁸⁷ BARRETO, Luis Pereira. As três filosofias: Filosofia teológica. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967. p. 202.

¹⁸⁸ CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras. 1987. p. 91 - 139.

¹⁸⁹ TEIXEIRA MENDES, Raimundo. **Ainda a questão da varíola e da vacina**. Apostolado Positivista do Brasil: Rio de Janeiro, n. 264, 13 de jul. 1908. p.3. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>>. Acesso em: 13 set. 2009.

de terreno roxo¹⁹⁰. Compete à química agrícola esclarecer cientificamente o valor da fertilidade de seu solo para a grandeza da nação¹⁹¹.

A campanha da viticultura e da melhora do café se semelhante bastante à da terra roxa. Uma das propostas de Pereira Barreto é mostrar a possibilidade do cultivo da uva no Brasil, atraindo mão de obra italiana, povo especialista no cultivo da uva. Uma das barreiras a vencer é a inospitalidade do clima tropical. O ar dos trópicos tornara-se sinônimo de febre amarela. De acordo com Pereira Barreto, para driblar esse problema é preciso tornar o país salubre e vencer as condições climáticas, por via da ciência, mostrando que o Brasil é capaz de produzir, não só café e borracha, mas uva, a *Vitis Vinifera*, que o colono europeu vê não só como um arbusto, mas como uma pessoa, um membro da família¹⁹².

Para fundamentar a idéia de que o Brasil tem clima propício para o desenvolvimento da uva, Pereira Barreto faz uma investigação sobre a origem da vinha, vinculando esta à Ásia, lugar muito mais quente que a Europa. Lembra ainda que o suco da uva é tão bom quanto o leite materno, sendo extremamente rico em albumina, em caseína vegetal, e sobretudo, em fosfato, em ácido-fosfórico, este, o agente capital da inteligência. Por isso, onde há longos verões, o uso do suco de uva é de extrema importância para regular o funcionamento fisiológico do corpo, para a renovação do sangue, dos nervos e ossos¹⁹³.

Defendendo tais teses, Pereira Barreto acredita na entrada do Brasil em um cenário diferente, a partir do momento em que se cultive a vinha intensivamente, assim como já se fazia com o café. O consorcio do café com a uva favorece o desenvolvimento do Brasil: conhecido por suas propriedades estimulantes das faculdades intelectuais, o café fornece o alimento para o cérebro, enquanto a uva propicia o estímulo ao coração, o cordel da alma, o néctar de toda a poesia. Este duplo cultivo possibilita a unidade do espírito e do coração, efetivando a síntese das três grandes faculdades: atividade, sentimento e inteligência¹⁹⁴.

Percebe-se, portanto, que a linguagem dos sentimentos não está presente apenas em trabalhos médicos, pois Pereira Barreto ressalta a importância dos sentimentos para o estado

¹⁹⁰ BARRETO, Luis Pereira. A Terra Roxa. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 02 de dez. 1876. 1º artigo da série. Disponível em: <http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_a_terra_roxa.htm>. Acesso em: 10 nov. 2009.

¹⁹¹ BARRETO, Luis Pereira. A Terra Roxa. **A Província de São Paulo**. São Paulo, 03 de dez. 1876. 2º artigo da série Disponível em: <http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_a_terra_roxa.htm>. Acesso em: 10 nov. 2009.

¹⁹² BARRETO, Luis Pereira. O prêmio Provincial à Cultura da Vinha I, São Paulo (13/03/1887) *apud* BARROS, Roque Spencer Maciel de. **A evolução do pensamento de Pereira Barreto**. São Paulo: Grijalbo, 1967. p.181.

¹⁹³ BARRETO, Luis Pereira. A Vinha e a Civilização: conferência pronunciada em 1896. In: PAIM, Antonio (Org.). **Plataforma Política do Positivismo Ilustrado**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981. p. 19.

¹⁹⁴ BARRETO, Luis Pereira. A Vinha e a Civilização: conferência pronunciada em 1896. In.: PAIM, Antonio (Org.). **Plataforma Política do Positivismo Ilustrado**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981. p. 19.

de saúde da Humanidade, elementos esses que permeiam seus projetos de ação política ou pedagógica.

3.2 Semelhanças e diferenças entre Pereira Barreto e a Igreja Positivista de Miguel Lemos e Teixeira Mendes

As obras dos dirigentes da Igreja Positivista apresentam uma conotação bastante diferente dos escritos de Pereira Barreto. Enquanto Pereira Barreto se volta mais para estudos de caráter científico, os documentos da Igreja Positivista, redigidos por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, têm um cunho mais panfletário, diluindo teses e conceitos positivistas.

A percepção dessa diferença de orientação dos autores mencionados neste trabalho leva estudiosos do assunto, tais como Roque Spencer Maciel de Barros¹⁹⁵ e João Camilo de Oliveira Torres¹⁹⁶, a tratar Pereira Barreto como representante de uma corrente mais científicista do positivismo, enquanto os dirigentes da Igreja Positivista são considerados dogmáticos e sectários. Ao estabelecer qualquer tipo de distinção entre Pereira Barreto e os representantes da Igreja Positivista, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, é imperioso, outrossim, não reproduzir a divisão equivocada entre ortodoxos e heterodoxos. Trata-se mais de uma diferença estilística correlacionada aos interesses de cada um deles e ao público que almejam conquistar, embora ambas as expressões tenham como finalidade o processo civilizatório.

Os dirigentes da Igreja Positivista, dada sua intenção catequética, expressam conceitos científicos em uma linguagem de mais fácil entendimento. Miguel Lemos e Teixeira Mendes representam uma instituição de caráter religioso, cujo objetivo é angariar o maior número de adeptos, homens e mulheres, operários ou patrões, doutores ou não.

As obras de Pereira Barreto têm destino mais intelectual, a exemplo de *Teoria da Gastralgias e das Nevroses em Geral*, uma monografia de medicina, apresentada para uma banca examinadora constituída por médicos.

Outra obra de Pereira Barreto muito conhecida e citada por estudiosos do positivismo são os dois volumes de *as Três Filosofias*. Essa obra é composta de dois volumes, e sua pretensão é analisar o Brasil nos moldes da filosofia da história de Auguste Comte. O primeiro volume, designado *A filosofia teológica*, é publicado em 1874 e o segundo, *A*

¹⁹⁵ Barros, Roque Spencer Maciel de. **A ilustração brasileira e a idéia de universidade**. São Paulo: Convívio; Edusp, 1986.

¹⁹⁶ TORRES, João Camilo de Oliveira. **O Positivismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1957.

filosofia metafísica, em 1880. O terceiro volume, voltado para a terceira e definitiva fase histórica, a positiva, não chegou a ser publicado. Cada volume das *Três filosofias* correlaciona-se a uma fase da filosofia da história: a primeira fase, a teológica, trata do momento em que a Igreja Católica exerce completo controle sobre as mentes no Brasil; a segunda fase, a metafísica, aborda o domínio dos legistas, ou melhor, dos burocratas liberais ou juristas, que Pereira Barreto acredita ser o momento então vivido pelo Brasil. Os dois volumes das *Três filosofias* assinalam a passagem do autor das ciências médicas para a filosofia da história positivista, evidenciando-se também neles a busca do rigor científico.

Voltada antes a um tipo de público que propriamente à adesão a conceitos comteanos, científicos ou religiosos, a diferença estilística entre os autores estudados diz respeito também ao tipo de formação recebida. Como mencionado anteriormente, Pereira Barreto recebe instruções acadêmicas em Bruxelas, momento este em que cursava medicina, enquanto Miguel Lemos e Teixeira Mendes estudam na Politécnica do Rio de Janeiro. A formação escolar parece importante quando considerada no conjunto de informações referentes aos diferentes projetos e destinação de seus escritos, ajudando a construir o cenário estilístico próprio de cada personagem dessa história. Enquanto os projetos de Pereira Barreto são de conteúdo propagandista pedagógico, voltados para a prosperidade do país, os projetos da Igreja Positivista são de conteúdo propagandista catequético, cuja intenção é disseminar a Religião da Humanidade para a grande massa popular. Conseqüentemente, o público leitor visado por Pereira Barreto é, em sua maioria, formado por dirigentes políticos e intelectuais, que lêem livros e artigos de jornais, enquanto o público almejado pela Igreja Positivista é o mais amplo possível, incluindo o de Pereira Barreto e a grande massa popular, constituída também por mulheres e operários.

As considerações tecidas sobre a trajetória educacional de cada um ajudam a questionar os estereótipos consagrados de Pereira Barreto, considerado este preferencialmente, como um homem, de ações práticas, e dos integrantes da Igreja Positivista, considerados como pessoas de ação marcadamente espiritual. Quando se lêem os textos de Miguel Lemos e Teixeira Mendes fica evidente sua intenção de orientar ações práticas de um público religioso, assim como os textos de Pereira Barreto não perdem de vista a busca da teoria, mesmo quando indicam caminhos para a prática.

A diferença estilística, entretanto, é apenas a primeira dificuldade a ser ultrapassada, se a intenção é fazer uma análise comparativa do modo de adesão à obra de Auguste Comte. Não é este o caso, contudo, pois, como dito inicialmente, o objetivo deste trabalho é, principalmente, encontrar elementos que caracterizem a linguagem utilizada por Miguel

Lemos e Teixeira Mendes, como um positivismo dos sentimentos, antes que, propriamente, estabelecer ligação com a linguagem utilizada por Pereira Barreto, o que pode conduzir a equívocos teóricos e metodológicos, uma vez que o positivismo original não está em Pereira Barreto, mas sim em Auguste Comte.

3.2.1 A Igreja Positivista e a propaganda da Religião da Humanidade

Como se sabe, o contato de Miguel Lemos e Teixeira Mendes com o positivismo acontece após a morte de Auguste Comte, sendo, portanto, de segunda mão a influência que eles recebem. Antes de qualquer análise de conteúdo das obras da Igreja Positivista do período em estudo, cabe lembrar que esta se vale de algumas técnicas argumentativas, que valoriza sua atuação em solo brasileiro, apresentando versões que nem sempre correspondem aos fatos.

Este não é, contudo, o ponto que se quer analisar, mas verificar se a linguagem dos sentimentos, tão enfatizada por Auguste Comte, pode ser identificada na obra de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, independentemente de suas versões serem verdadeiras¹⁹⁷ e da modalidade estilística de seus textos distinguir-se da utilizada por Pereira Barreto. O interesse por essa questão, claro, prende-se à centralidade da mesma nas proposições comteanas.

É possível identificar aspectos da linguagem dos sentimentos em Miguel Lemos no período em que ele designa como de passagem, quando ele se desvincula da orientação littreista para a laffittista. O momento de conversão de Miguel Lemos ao laffittismo é relevante para a análise, porque o próprio autor define essa passagem como uma superação da lacuna existente entre sentimento e ciência, além do que ocorre um fortalecimento de seu papel perante a Sociedade Positivista. Conforme foi dito anteriormente, Miguel Lemos recebe das mãos de Pierre Laffite o grau de *aspirante ao sacerdócio da humanidade*, o que facilita sua ascensão ao cargo de dirigente da Sociedade Positivista no Brasil, e a imposição a ela da direção desejada. A partir de então, parece ser pertinente afirmar que a conversão de Miguel Lemos ao laffittismo marca, efetivamente, o início de uma atuação expressa pela linguagem dos sentimentos.

¹⁹⁷ A história do positivismo brasileiro contada por Miguel Lemos e Teixeira Mendes foi considerada, durante muito tempo, como a versão verdadeira por ser uma história veiculada por uma instituição positivista. O que a possibilitava um *status* de história legítima do positivismo brasileiro. No entanto, se olharmos de uma maneira mais apurada verificaremos que a versão documentada pela Igreja Positivista é apenas mais uma versão de tantas outras que existiram, e que ela atende a interesses de Miguel Lemos e de Teixeira Mendes em se auto-denominarem como verdadeiros representantes do positivismo brasileiro.

Fornecida pelas publicações da Igreja Positivista, a versão histórica que diz respeito à conversão de Miguel Lemos e Teixeira Mendes ao laffittismo pode ser consultada na *Primeira Circular anual* do ano de 1881, em *Resumo histórico do movimento positivista no Brasil*, publicada em 1882, ou na retificação publicada em 1889, intitulada de *Nossa iniciação no positivismo*. Nas obras mencionadas, Miguel Lemos e Teixeira Mendes lamentam a adesão inicial à versão do positivismo litreista. Miguel Lemos relata que tal se deve ao primeiro contato com uma obra de Auguste Comte ser uma edição do *Sistema de filosofia positiva*, organizada por Émile Littré. Essa edição é feita com cortes e seleção de partes que ressaltam mais a dimensão científica do positivismo do que o lado religioso da obra de Comte¹⁹⁸. A rejeição inicial à Religião da Humanidade é superada apenas quando Miguel Lemos e Teixeira Mendes têm a oportunidade de visitar Paris e conhecer o ríspido, seco e erudito estéril que é Émile Littré, bem como verificar o quanto era simpática e instruída a figura de Pierre Laffite¹⁹⁹.

Expondo sua conversão ao positivismo religioso, Miguel Lemos afirma que

Havia muito também que eu sentia um vazio que o litreísmo era impotente para encher; por vezes estive ao ponto de sucumbir ao desespero, quando contemplava este abismo que se mantinha aberto entre ciência e o sentimento. Em vão procurar eu o laço que devia preencher os diversos aspectos da natureza humana, coordenando-os em relação a um destino comum. Onde o princípio supremo que devia assinalar um fito à ciência, um alvo ao sentimento e um fim à atividade? Qual o critério que havia de libertar-me da tirania de minha razão individual e oferecer aos homens, grandes e pequenos, instruídos e ignorantes, a base do dever? (LEMOS, 2007, p.20)²⁰⁰.

Para Miguel Lemos, a lacuna entre ciência e sentimento pode ser explicada pela noção de natureza humana constituída por três elementos: a atividade, a inteligência e o sentimento. O homem em sua completude é composto por esses três elementos e a vertente litreista, além de enfatizar a dimensão científica, ressaltando a questão da inteligência, não aceita as questões que remetem ao sentimento. Assim, a concepção positivista litreista, de acordo com

¹⁹⁸ LEMOS, Miguel; TEIXEIRA MENDES, Raimundo. **Nossa iniciação no positivismo**. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1889. p. 7. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/>>. Acesso: em 13 set. 2009. Nota retificativa ao Resumo Histórico do Movimento Positivista no Brasil, publicado em 1882.

¹⁹⁹ LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.20-21. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD- ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”).

²⁰⁰ LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.20. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD- ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”).

Miguel Lemos, apresenta-se como um hiato, concebendo o homem e a sociedade de forma parcial.

Na interpretação de Miguel Lemos, o que importa para Littré são as questões estritamente científicas, remetendo diretamente à idéia da necessidade de reorganização do mundo, primeiro no plano intelectual, para apenas em um segundo momento efetivar as transformações na vida política e econômica de uma sociedade, como propõe Comte. A prioridade concedida ao plano intelectual decorre da necessidade de reorganizar as mentes insanas, revolucionárias, anárquicas e metafísicas que dominam aquele período. Então, para efetivar essa reorganização intelectual, livre de concepções metafísicas e abstratas, é fundamental redigir uma Enciclopédia, constituída pelas noções científicas positivistas.

A noção de ciência trazida pelo positivismo, e adotada por Littré, tem a pretensão de tornar o fenômeno científico mais palpável e observável. É um novo olhar que se lança sobre a ciência, um conhecimento racional, um conjunto de categorias que, livre da metafísica, é capaz de explicações cada vez mais abrangentes e passíveis de verificação. Esse é o projeto da Grande Enciclopédia que, propondo a reorganização das ciências, do geral para o particular, do simples ao complexo, chega à ciência da sociedade, à sociologia, postulada como uma ciência positiva.

O grande hiato a que Miguel Lemos se refere, criticando a obra de Littré em relação à obra de Comte, se dá neste ponto: enquanto Comte aprofunda e estende o alcance das categorias científicas, chegando, no limite, a propô-las para o estudo da sociologia, com vista ao aprimoramento da Humanidade, Littré rejeita a evocação do sentimento como elemento fundador da sociedade. Essa recusa relaciona-se à negação da necessidade da Religião da Humanidade para obter a reorganização definitiva. Para ele, a reorganização deve ser levada a cabo pelos cientistas positivistas, mesmo quando se trata de operários e mulheres.

Para Miguel Lemos, ao ressaltar demasiadamente a questão científica, menosprezando a dimensão do sentimento, fundamento da solidariedade, o littrismo não percebe que, costumeiramente, os cientistas são propensos à vaidade, ao orgulho, e ao desenvolvimento dos instintos pessoais e não dos instintos sociais (ver anexo 2).

A lacuna entre ciência e sentimento é, segundo Miguel Lemos, um empecilho para o entendimento completo da filosofia positivista, uma vez que é a linguagem dos sentimentos

que fornece sustentação para a ciência positivista. Essas ideias são também compartilhadas por Teixeira Mendes²⁰¹.

Portanto, verifica-se que o ato de conversão de Miguel Lemos ao laffittismo está envolto em seu desejo de superar a lacuna existente entre ciência e sentimento, representando a busca de uma conciliação do sentimento com a inteligência²⁰².

Se é possível verificar a centralidade da linguagem dos sentimentos nas concepções positivistas de Miguel Lemos antes de sua posse na diretoria da Associação Positivista do Brasil, resta saber se posteriormente a ela a linguagem dos sentimentos continua marcante em suas atividades.

Para tal, basta analisar algumas de suas primeiras atitudes no comando do Apostolado. A posse de Miguel Lemos no cargo de presidência da Igreja Positivista provoca uma série de ações, inclusive uma atuação publicitária mais enfática do positivismo na capital da República. A Sociedade Positivista, antes do retorno de Miguel Lemos ao Brasil, reunira-se apenas duas vezes, tornando-se semanais, após 1881²⁰³.

O estatuto da Igreja Positivista, posto em vigor nessa data, estabelece que a finalidade da instituição é propagar a Religião da Humanidade, fundada por Auguste Comte, pela ação oral e escrita, bem como pelo exemplo²⁰⁴. Nesse estatuto, é definido que o núcleo espiritual do Apostolado Positivista do Brasil seria composto por positivistas completos, consagrados sistematicamente à propagação da fé e ao exercício de funções espirituais. Em vista dessa agenda, fortemente apostólica, decreta-se, em 1881, que o presidente da instituição deve ser alguém suficientemente capaz de explicar o *Catecismo positivista* de Auguste Comte, assim como os ensinamentos relativos à teoria da transição moderna e às últimas concepções do mestre²⁰⁵.

Marcado pela ação eminentemente religiosa, cuja empreitada é a formação de crenes e a modificação da opinião pública, valendo-se de uma forte intervenção propagandista, o estatuto evita riscos de uma mudança repentina na orientação da religião positivista a ser posta em prática pelo Apostolado.

²⁰¹ MENDES TEIXEIRA, Raimundo. **Ainda as cruéis e absurdas monstruosidades do despotismo sanitário**. Apostolado Positivista do Brasil: Rio de Janeiro, n. 252, 07 de nov. 1907. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>>. Acesso em: 13 set. 2009.

²⁰² LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.20. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD- ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”).

²⁰³ ALONSO, Angela. De positivismo e positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. In: TRINDADE, Hégio. **O positivismo: teoria e prática**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.155.

²⁰⁴ LEMOS, Miguel; TEIXEIRA MENDES, Raimundo. **Nossa iniciação no positivismo**. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1889. p. 2. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/>>. Acesso: em 13 set. 2009.

²⁰⁵ LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.6. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD-ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”).

Para Miguel Lemos, o *Catecismo Positivista* reforça a ideia do desenvolvimento e estabelece a relevância do sentimento de sociabilidade, uma vez que é impossível imaginar uma sociedade sem a noção de sentimento²⁰⁶. Vale lembrar que a existência e permanência da sociedade são favorecidas por sentimentos altruístas, responsáveis por restabelecer a ordem mental, moral, social e política de uma sociedade.

Para que a noção de sentimento de sociabilidade seja empregada entre os adeptos do positivismo é preciso, em primeiro lugar, desenvolver a idéia de unidade, ou melhor, de pertencimento à Humanidade²⁰⁷. O estado de unidade deve convergir para um destino comum, de modo a realizar uma síntese de todos os desejos universais. Essa unidade deve orientar todas as ações dos indivíduos, assim como congregar todas as individualidades em prol de um bem comum. O desenvolvimento gradual da unidade traduz-se no verdadeiro aperfeiçoamento da Humanidade, algo que apenas a Igreja Positivista pode proporcionar²⁰⁸.

Em resumo, a religião positivista é um sistema de opiniões diversas, caracterizado pela *união* de todas as crenças e religiões antagônicas até então dispersas. A religião positivista, ao contemplar a unidade social voltada para a questão da obtenção de consenso universal como pré-requisito da felicidade e do aperfeiçoamento, torna-se uma religião para toda a Humanidade. Ao mesmo tempo em que a Religião da Humanidade é a única capaz de suprimir os instintos egoístas que impedem a obtenção do consenso harmônico universal, ela é a única capaz de tornar efetiva a completa regeneração dos seres dispersos.

A regeneração social a ser promovida pela Igreja Positivista tem como fundamento a verdadeira superioridade de *coração*, de *espírito* e de *caráter*, o que supõe uma preparação difícil, prescrevendo uma conduta pessoal, doméstica e cívica, adequada ao tipo normal de pessoa que eles proclamam²⁰⁹ (ver anexo 2). Essas idéias, importadas do quadro sistemático da alma desenvolvido por Comte, além de comprovar a vinculação efetiva com as postulações do *Catecismo Positivista*, revelam a preocupação do Apostolado com a formação de seu corpo diretor, cuja ação propagandista volta-se fortemente para a fixação da linguagem dos sentimentos entre os brasileiros.

²⁰⁶ LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.20. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD-ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”).

²⁰⁷ MENDES TEIXEIRA, Raimundo. **Ainda as cruéis e absurdas monstruosidades do despotismo sanitário**. Apostolado Positivista do Brasil: Rio de Janeiro, p. 2-3, n. 252, 07 de nov. 1907. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>>. Acesso em: 13 set. 2009.

²⁰⁸ MENDES TEIXEIRA, Raimundo. **Ainda as cruéis e absurdas monstruosidades do despotismo sanitário**. Apostolado Positivista do Brasil: Rio de Janeiro, p. 2-3, n. 252, 07 de nov. 1907. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>>. Acesso em: 13 set. 2009.

²⁰⁹ LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. p.8. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD-ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”).

Outro exemplo a ser destacado, evidencia a centralidade da questão dos sentimentos nas estratégias empreendidas pelo Apostolado Positivista, inclusive nas atuações de conotação política. Logo depois de proclamada a República no Brasil, em 1889, Miguel Lemos e Teixeira Mendes redigem um decreto relativo às festas nacionais, cabendo a Demétrio Ribeiro, membro da Igreja Positivista e ministro da Agricultura do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, a entrega em mãos do governante de então.

O decreto, instituindo os novos feriados nacionais, tem como foco as comemorações cívicas e não mais as religiosas, e propõe que

considerando que o regime republicano baseia-se no profundo *sentimento* de fraternidade universal; que esse sentimento não se pode desenvolver conveniente sem um sistema de festas públicas destinadas a comemorar a continuidade e a solidariedade de todas as gerações humanas; que cada pátria deve instituir tais festas segundo os laços especiais que prendem os seus destinos de todos os povos:

Decreta:

1º de janeiro, consagrado à comemoração da fraternidade universal;
 21 de abril, consagrado à comemoração dos precursores da Independência Brasileira, resumidos em Tiradentes;
 3 de maio, consagrado à comemoração da descoberta do Brasil;
 13 de maio, consagrado à comemoração da fraternidade dos brasileiros;
 14 de julho consagrado à comemoração da República, da liberdade e da Independência dos povos americanos;
 7 de setembro, consagrado à comemoração da Independência do Brasil;
 12 de outubro, consagrado à comemoração da descoberta da América;
 2 de novembro, consagrado à comemoração geral dos mortos;
 15 de novembro, consagrado à comemoração da Pátria Brasileira (TEIXEIRA MENDES, 1936, p. 187-188)²¹⁰.

O dia primeiro de janeiro simboliza a união de todos os homens da terra em consonância com a filosofia positivista da “Humanidade”. O dia 21 de abril, ao comemorar os precursores da Independência, exalta a figura de Tiradentes, um mártir um herói popular, deixando de lado a figura de D. Pedro I, o Imperador católico que proclamara a Independência. O dia 2 de novembro, consagrando a comemoração aos mortos, relembra a máxima positivista de que “os mortos governam os vivos” e, por isso, privilegiam o uso de estátuas e bustos de pessoas representativas do trabalho em prol da Humanidade. Baseada no passado e na coletividade, a proposta comteana abre brechas para a exaltação de homens que contribuíram para a evolução social humana.

²¹⁰ TEIXEIRA MENDES, Raimundo. **O ideal republicano**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1936. p. 187-188.

Esses exemplos dos feriados cívicos propostos pelos positivistas permitem entrever uma tentativa de construção de uma nação cívica que ressalta a Humanidade e os homens enquanto mola propulsora de significado para a vida, e não valores transcendentais que evocassem Santos ou um Deus como eram comuns nos decretos do período Monárquico. O projeto de festas ao propor a Humanidade e os homens como cerne, deixa de lado as comemorações católicas e adquire um formato cívico²¹¹. O projeto das festas cívicas proposto pelos positivistas do Apostolado, mostra que é de extrema necessidade desenvolver um sistema de festas, visando a despertar na população um *sentimento* de identificação com a nacionalidade e de crença na continuidade da sociedade e de solidariedade entre as gerações.

Destarte, acredita-se que a análise da obra de Miguel Lemos deixa clara a valorização do sentimento no positivismo brasileiro. Ressaltando a importância do sentimento, tanto na supressão da lacuna existente entre ciência e sentimento, pela agregação de significados sociais aos propósitos científicos, quanto na implementação de uma ação propagandista, calcada na idéia do desenvolvimento e do estabelecimento da sociabilidade entre os seres humanos, a obra de Miguel Lemos e Teixeira Mendes explicita a prevalência dos sentimentos inclusive em documentos-decretos, cuja pretensão inicial parece ser a expressão de argumentos puramente racionais e legais.

²¹¹ O modelo de estruturação Católica é tomado como referência no que concerne a organização da Religião da Humanidade, no entanto, o que muda são os valores cultuados: o Deus extraterreno é trocado pela deusa terrena da Humanidade, os santos católicos são trocados por personalidades considerados importantes para o avanço da Humanidade, tais como Aristóteles, Arquimedes, Dante, Gutemberg, entre outros. São várias as passagens que exemplificam este modelo de Religião da Humanidade que tomam como base o modelo de organização católico: o calendário positivista (*Catecismo Positivista* anexo entre as páginas 248 e 249); Templo da Humanidade (*Catecismo Positivista*, p. 135). A Religião Positivista ao tomar a Humanidade e os homens enquanto ponto de referência se torna cívica por dotar enquanto religioso as ações e realizações dos homens.

CONCLUSÃO

Esta dissertação pretendeu mostrar que o positivismo não é uma filosofia dividida em dois momentos aparentemente contraditórios, expressos pela ciência e pela religião. Ao contrário, ela é uma filosofia na qual o sentimento é o elemento chave do entendimento, seja das explicações de caráter científicas ou das de conotação religiosa.

Para chegar à finalidade desejada, partiu-se de um estudo do positivismo em si, ou melhor, da obra de Auguste Comte, criador da filosofia positivista, visando a estabelecer parâmetros que pudessem definir com a necessária precisão o que é o positivismo comteano. Com isso, buscou-se dar ao trabalho uma base de sustentação, evitando discussões especulativas, partindo, em seguida para o exame do positivismo no Brasil.

Ao estudar a obra de Comte percebeu-se que, contrariamente a análises consagradas²¹², não se tratava de um pensamento dividido em dois momentos, mas de um grande sistema cuja pretensão era, acima de tudo, propor a reorganização do mundo, a começar por uma reorganização de aspectos teóricos, o que foi apresentado no primeiro capítulo. Da teoria, a empreitada expandiu-se para a elaboração da Grande Enciclopédia Positivista, de que se tratou no segundo capítulo, no que diz respeito às ciências biológica e sociológica, de interesse direto para o trabalho. Ainda neste capítulo, foram analisadas as manifestações comteanas de caráter religioso, a partir do momento em que emerge na obra uma conotação de fundo catequético, disseminando noções de organização, ordem ou reorganização.

Ao analisar a obra de Auguste Comte pode-se evidenciar, então, a existência de dois tipos de linguagem, uma marcada pela ênfase na ciência e outra nas formulações da Religião da Humanidade. Outrossim, a sequência do estudo permitiu identificar elementos que ressaltavam o sentimento, que, curiosamente, apareciam tanto em uma quanto em outra linguagem, fosse em explicações da teoria cerebral, fosse nas abordagens do quadro sistemático da alma humana. A partir deste ponto, o positivismo passou a ser definido como sendo, eminentemente, uma linguagem do sentimento, considerado este biologicamente natural ao homem, conforme Comte.

²¹² Algumas análises do positivismo brasileiro que tomaram como referência a divisão entre ortodoxos e heterodoxos, ou científicos e religiosos: João Camilo de Oliveira Torres em *O positivismo no Brasil*; José Murilo de Carvalho em *A ortodoxia positivista no Brasil: um bolchevismo de classe média*; Clóvis Beviláqua em *A filosofia positivista no Brasil*; José Veríssimo em *O positivismo no Brasil*; Cruz Costa em *Contribuição à história das idéias no Brasil*; Alfredo Bosi em *Dialética da Colonização*.

Após demonstrar a prioridade concedida ao sentimento na obra de Auguste Comte, passou-se à análise das manifestações positivistas no Brasil, verificando que elas se dão, caracteristicamente, na linguagem dos sentimentos, tanto entre os positivistas considerados como representantes de uma vertente científica, caso de Pereira Barreto, quanto entre aqueles considerados adeptos da vertente religiosa, como Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes.

Vale à pena recuperar a noção de Pereira Barreto, segundo a qual o sentimento é a mola propulsora da atividade humana, imprimindo movimento ao mundo, por via de indagações e nascidas do desejo. Em Miguel Lemos e Teixeira Mendes é preponderante a linguagem dos sentimentos em publicações de cunho propagandista e, como se viu, naquelas oficiais, como foi o caso do decreto das festas nacionais.

A análise feita neste trabalho permite afirmar, portanto, que o positivismo se constitui definitivamente como uma linguagem dos sentimentos, atravessando as linguagens da razão e da religião, de Comte aos positivistas brasileiras.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Angela. De positivismo e positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. In: TRINDADE, Hélio. **O positivismo: teoria e prática**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

_____. O Positivismo de Pereira Barreto e o pensamento brasileiro no final do século XIX.

IEA/USP, São Paulo, v. 09, 1995. p.4. Disponível em: <www.iae.usp.br/artigos>. Acessado em: 03 jul. 2009.

ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. **Auguste Comte**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BARBOZA FILHO, Rubem. Linguagens da Democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, 2008.

_____. Sentimento de Democracia. **Lua Nova**, São Paulo, n.59, 2003.

BARRETO, Luis Pereira. Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967.

_____. As três filosofias: Filosofia teológica. In: BARROS, Roque Spencer Maciel de (Org.). **Obras Filosóficas de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1.v, 1967.

BARRETO, Luis Pereira. A Terra Roxa. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 02 de dez. 1876. 1º artigo da série. Disponível em:

<http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_a_terra_roxa.htm>. Acesso em: 10 nov. 2009.

_____. A Terra Roxa. **A Província de São Paulo**. São Paulo, 03 de dez. 1876. 2º artigo da série Disponível em: <http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_a_terra_roxa.htm>. Acesso em: 10 nov. 2009.

_____. A Vinha e a Civilização: conferência pronunciada em 1896. In: PAIM, Antonio (Org.). **Plataforma Política do Positivismo Ilustrado**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. **A ilustração brasileira e a idéia de universidade**. São Paulo: Convívio; Edusp, 1986.

_____. **A evolução do pensamento de Luís Pereira Barreto**. São Paulo: Grijalbo, 1967.

BENOIT, Lelita Oliveira. **Sociologia comteana: gênese e devir**. São Paulo: Discurso editorial, 1999. p.141.

CARVALHO, José Murilo de. Os positivistas. **A revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 69, jul. 2005.

CARVALHO, José Murilo de. Ortodoxia positivista no Brasil: um bolchevismo de classe média. In: _____. **Pontos e Bordados: escritos de história política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 189-201.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: O imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras. 1987. p. 91 - 139.

COMTE, Auguste. Prefácio Geral. In: _____. **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

_____. Sumaria Apreciação do Conjunto do Passado Moderno. In: _____. **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

_____. Planos dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: _____. **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

_____. Exame do tratado de Broussais sobre a irritação. In: _____. **Opúsculo de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

_____. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Libraires-Éditeurs, T. I, L. 2, 1830.

Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

_____. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 41, 1838.

Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

_____. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 44, 1838.

Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

_____. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.III, L. 45, 1838.

Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.IV, L. 50, 1839. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

_____. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Imprimeur-Libraire, T.VI, L. 57, 1842.

Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 17 set. 2009.

_____. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores).

_____. Conclusion Générale du Discours Préliminaire: Religion de L'Humanité.

In: _____. **Système de Politique Positive**. Paris: Éditions Anthropos, V.I, T.VII, 1969.

Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 19 set. 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HOBBS, Thomas. Das causas, geração e definição de Estado. In: _____. **Leviatã**. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, v.1, 1988. (Os Pensadores).

LAMARCK. **Philosophie Zoologique**. [S.l. : s.n.], 2010. p.xviiij. Disponível em: <www.lamarck.net>. Acesso em: 12 jan. 2010.

LEMOS, Miguel. **Primeira Circular Anual**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista, 1881. Anexo. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007. 1 CD-ROM. (Anexo do Livro “O positivismo: teoria e prática”).

_____; TEIXEIRA MENDES, Raimundo. **Nossa iniciação no positivismo**. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1889. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/>>. Acesso em: 13 set. 2009.

LOCKE, John. Dos fins da sociedade política e do governo. In: _____. **Segundo tratado sobre o governo**. São Paulo: IBRASA, 1963.

MORAES, João Quartim de. **Joseph de Maistre: O Anti-Rousseauismo da Contra-Revolução**. In: Primeira Versão. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1996.

PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Helgio (org). **Positivismo teoria e pratica**. Porto Alegre: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

POCOCK, John Greville Agard. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2003.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **Augusto Comte e o positivismo**. Campinas: Edicamp, 2003.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Objeto deste primeiro livro. In: _____. **Do contrato social**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

SOARES, Mozart Pereira. **O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 1998.

TEIXEIRA MENDES, Raimundo. **Ainda a questão da varíola e da vacina**. Apostolado Positivista do Brasil: Rio de Janeiro, n. 264, 13 de jul. 1908. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>>. Acesso em: 13 set. 2009.

_____. **Ainda as cruéis e absurdas monstruosidades do despotismo sanitário**. Apostolado Positivista do Brasil: Rio de Janeiro, n. 252, 07 de nov. 1907. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>>. Acesso em: 13 set. 2009.

_____. **O ideal republicano**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1936.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **O Positivismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1957.

ANEXO

Anexo 1



Imagem de Clotilde de Vaux - Monumento a Benjamin Constant de Décio Vilares. In: CARVALHO, José Murilo de. Pontos e Bordados: escritos de história política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, p. 304, 1998.



Imagem de Clotilde de Vaux - Quadro de Clotilde de Vaux localizado no altar da Chappelle de l'Humanité em Paris. In: SOARES, Mozart Pereira. O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte. Porto Alegre: editora da UFRGS, p.74, 1998.

(C) CLASSIFICAÇÃO POSITIVA DAS DEZOITO FUNÇÕES INTERIORES DO CÉREBRO,
OU QUADRO SISTEMÁTICO DA ALMA,
PELO AUTOR DO SISTEMA DE FILOSOFIA POSITIVA.

<p>HUMANIDADE</p> <p>10 MOTORES AFETIVOS (Inclinações no estado ativo e sentimentos no estado passivo)</p> <p>7 PESSOAIS</p> <p>3 SOCIAIS</p> <p>5 FUNÇÕES INTELLECTUAIS</p> <p>3 QUALIDADES PRÁTICAS</p> <p>(AMAR, PENSAR, AGIR) AGIR POR AFEIÇÃO E PENSAR PARA AGIR</p>	<p>INTERESSE { Instintos de conservação { do indivíduo, ou instinto nutritivo (1) { instinto sexual (2) { instinto materno (3)</p> <p>AMBICÃO { Instintos de aperfeiçoamento { por destruição ou instinto militar (4) { por construção ou instinto industrial (5)</p> <p> { Temporal, ou Órgulho, necessidade de domínio (6) { Espiritual, ou Vaidade, necessidade de aprovação (7)</p> <p> { Especiais { APEGO (8) { VENERAÇÃO (9) { Geral { BONDADE, ou amor universal (simpatia) humanidade (10)</p>	<p>IMPULSO (O CORAÇÃO)</p> <p>Decréscimo de energia e acréscimo de dignidade, de trás para diante, de baixo para cima e dos bordos para o meio</p> <p>Egoísmo (1) (2) (3) (4) (5) (6) (7)</p> <p>Altruismo (8) (9) (10)</p>	<p>CONSELHO (O ESPÍRITO)</p> <p>(Saber para prever, a fim de prover)</p> <p>CONCEPÇÃO { Passiva, ou contemplação, de onde materiais objetivos (11) { Abstrata, ou relativa aos acontecimentos, essencialmente analítica (12) { Ativa, ou Meditação, de onde Includiva, ou por comparação, de onde Generalização (13) { construções subjetivas Dedutiva, ou por coordenação, de onde sistematização (14)</p> <p>EXPRESSÃO { Mímica, oral, escrita, de onde Comunicação (15)</p> <p>ATIVIDADE { Coragem (16) { Prudência (17)</p> <p>FIRMEZA, de onde perseverança (18)</p>	<p>EXECUÇÃO (O CARÁTER)</p>
---	---	---	---	-----------------------------

RESUMO DA TEORIA CEREBRAL

O conjunto destes dezoito órgãos cerebrais constitui o aparelho nervoso central, que, por um lado, estimula a vida de nutrição e, por outro lado, coordena a vida de relação, ligando suas duas espécies de funções exteriores. Sua região especulativa comunica-se diretamente com os nervos sensitivos e sua região ativa com os nervos motores. Porém, sua região afetiva, não tem conexões nervosas senão com vísceras vegetativas, sem nenhuma correspondência imediata com o mundo exterior, que só se liga a ela por meio das outras duas regiões. Este centro essencial de toda a existência humana funciona continuamente, em virtude do repouso alternativo das duas metades simétricas de cada um de seus órgãos. Quanto ao resto do cérebro, a intermitência periódica é tão completa como a dos sentidos e dos músculos. Assim, a harmonia vital depende da principal região cerebral, sob impulso da qual as outras duas dirigem as relações, passivas e ativas, do animal com o meio.

AUGUSTO COMTE
(10, rua Monsieur-le-Prince)